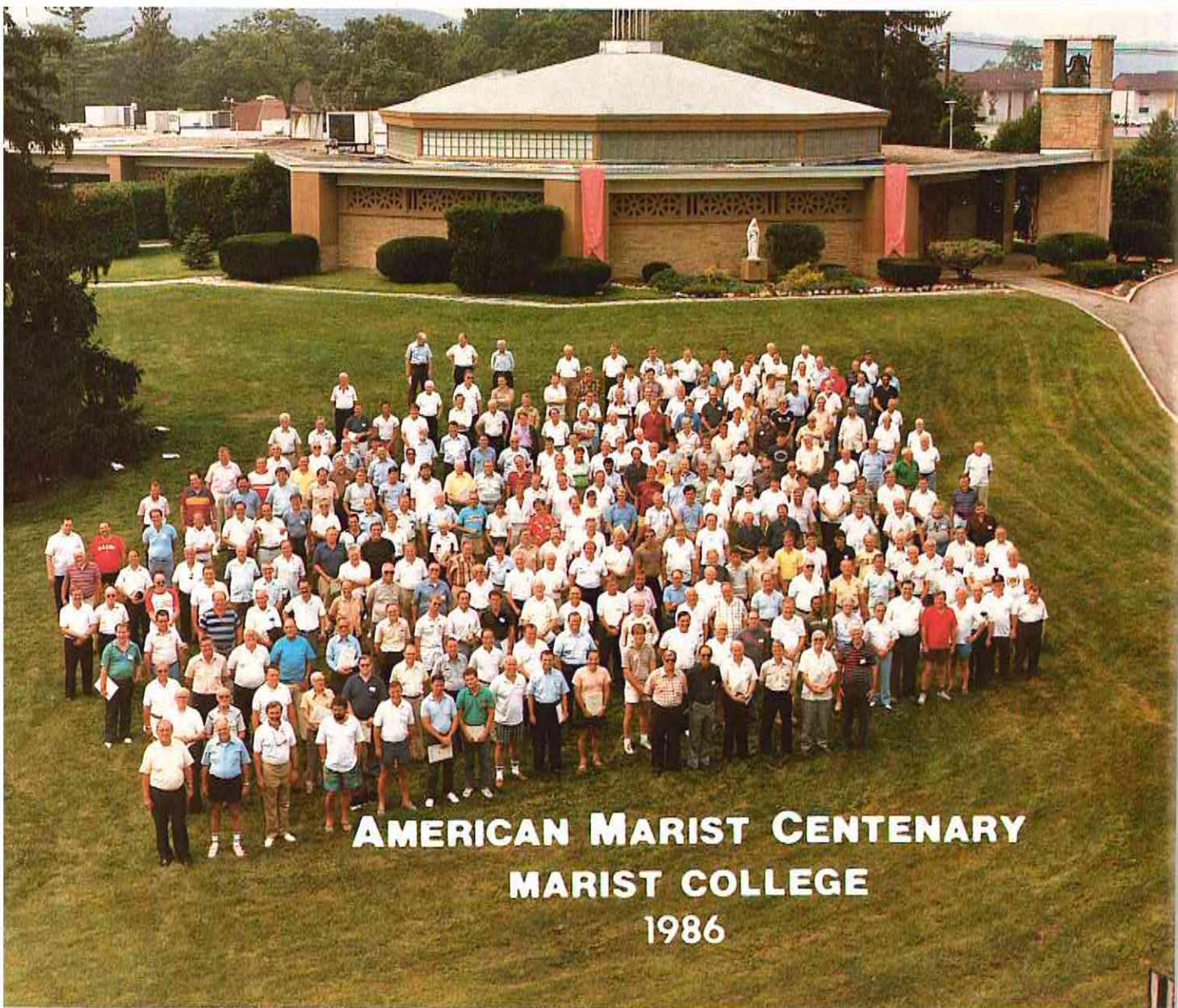


A Mensagem

BOLETIM DO INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS DO ENSINO



ANO 1987 • NOVEMBRO • NÚMERO 2



TREZENTOS SEMBLANTES

Depois de sair do local habitual de apostolado, reuniram-se; reencontraram-se para comemorar um aniversário e deixar tudo ilustrado num retrato. Faltam alguns, a ausência deve-se à circunstância de não poder abandonar ocupações de compromisso e, quiçá, por alergia ao material fotográfico.

O grupo apresenta-se compacto. Lado a lado... Percebe-se a força cheia de vitalidade, de alegria e de cores. Por acaso, esta massa toma a configuração de um pentágono.

Não é imagem rígida, concentrada sobre si, mas aberta. Também não é estrutura fria, fechada, agressiva ou defensiva, dominadora ou temerosa.

Um feixe de luz com milhares de facetas multicores, um ímpeto de generosidade que convida, que incita a compartilhar, sempre pronta, com seus movimentos a modificar seu contorno sem perda da coesão interior e o que une os membros.

Imagem maravilhosa, símbolo de unidade e de liberdade. União de corações, sem conformismo exterior.

Não é exército, mas, conjunto fraterno, cujo vínculo de união reside no interior; uma parreira nutrida pela seiva invisível que perpassa todos os ramos.

No fundo, um campanariozinho que convoca, reúne e dispersa.

Frágil construção de tijolos que enfrenta todos os ventos e encontra sustentáculo numa sólida massa de concreto, qual rochedo ancorado no chão...

A Rocha: «O Senhor é tua rocha inabalável.»

Assento inamovível; fundamento, fonte de fé e de esperança.

Aos cem anos que se escoaram é preciso acenar para o amanhã, «que há de vir».



A solidão das longas caminhadas pelo Pilat mergulha na oração o Padre Champagnat. Nas passadas longas a oração se torna dança...

«Comunidade de Pélussin»
Pensionato St. Jean

ANO CHAMPAGNAT

20 de maio de 1989 - 6 de junho de 1990

Como torná-lo DATA MARCANTE...

Os preparativos para o Ano Champagnat tomam conta de todo o Instituto. Aqui apresentamos algo previsto nas diversas Províncias. Isso servirá de estímulo mútuo na preparação e na celebração destes acontecimentos de família.

A Província da Nova Zelândia está organizando uma peregrinação a Hokianga, lugar de desembarque, há cento e cinquenta anos, do Bispo Pompallier, acompanhado de três Irmãos.

Na África do Sul, o acontecimento coincidirá com o centenário da chegada dos primeiros Irmãos, em Joanesburgo. Será celebrada missa na catedral da cidade. Não haverá banquetes e outras festividades do gênero, apenas será publicado um breve histórico que vai recordar o trabalho dos Irmãos e o atual compromisso de luta contra o segregacionismo racial e dará a conhecer o dom que recebemos na pessoa do Padre Champagnat.

Na Austrália, na Província de Melbourne, pensa-se em celebrações litúrgicas em plano local e uma reunião de jovens Irmãos.

As Províncias do Brasil organizarão um plano nacional e esperamos fornecer o programa em edição próxima.

A Província de Poughkeepsie (USA) prevê comemorar o nascimento do Padre Champagnat em três regiões: Leste, Centro e Oeste, com a colaboração de um Irmão historiador.

Prevê igualmente a tradução para o inglês das cartas do Fundador. Os Irmãos da Coréia pretendem a tradução e a impressão de nossos livros para o coreano.

SUMÁRIO

	<i>Página</i>		<i>Página</i>
— Ano Champagnat.....	1	— Uma escola católica na China	22
— África do Sul	3	— Como ocupar o domingo á tarde?	23
— Yad Vashem (Budapeste 1944)	7	— Deus ouviu nossas orações.....	23
— Os Irmãos Provinciais e os Superiores de Distrito	8	— Manaus	24
— História das Províncias	10	— Estatísticas gerais.....	30
— Família Marista	18	— Necrologia	31

A Província da Alemanha tem um programa bem fixado. Um grupo de jovens, conduzidos por um Irmão, trabalharam para reformar a casa natal do Irmão Francisco, em Maisonnette em agosto de 1987 (Isso já está concluído). Um retiro em N. D. de l'Hermitage está previsto para 1988 participando Irmãos e jovens. Publicação, em alemão, do álbum ilustrado de Goyo. Confecção de uma estátua e de um quadro representando nosso Fundador. Exposições sobre a vida do Fundador nas escolas. A visita do Bispo de Ratisbona à casa Provincial de Furth está prevista para 21 de maio de 1989.

Na América Latina, o 4.º Encontro de Pastoral Vocacional terá lugar na Colômbia em 1989. Vai comemorar o centenário da chegada dos Irmãos naquele país (1889). A assembléia dos Provinciais programou a realização de um video-cassette sobre o Padre Champagnat e sua obra. 40 minutos com cenas da vida do Fundador e dos primeiros Irmãos, 20 minutos de documentário sobre a obra Marista, hoje.

Será um instrumento de trabalho para a promoção vocacional e a Família Marista.

A Província de Portugal concentrou o projeto de 88 a 89 no bi-centenário.

As duas Províncias da França destacaram 17 Irmãos para formar uma comissão especial para preparar o evento. Aqui estão algumas propostas já aprovadas e que serão reexaminadas nas próximas reuniões: confecção de selo comemorativo, um lema. Champagnat na história: projetos a realizar nas escolas, etapas de formação para preparar os adultos (julho de 87) - As «trilhas da história» descobrindo os lugares Maristas - Filme de curta metragem sobre Champagnat no quadro dos locais Maristas - Utilização das rádios locais - Exposição Champagnat, o Mundo Marista. Video-cassettes - Palestras diversas - Publicações - Representações teatrais (cenas a rever) - A rota Champagnat no parque nacional do Pilat. Renovação de estruturas de acolhida. Missa televisionada para todo o país, precedida de documentário sobre o Padre Champagnat.

Com os jovens: propostas em três instâncias local, regional e nacional. Dar a conhecer e festejar Champagnat, convidar os jovens para segui-lo.

O calendário poderia ser:

14 de maio de 1989: Reunião de jovens.

Fins de julho, agosto: Palestras.

4.º trimestre 1989: Missa televisionada.

6 de junho de 1990: Grande reunião final.

Nas Províncias da Espanha vão também programar seu calendário.

Aguardamos poder informar as demais iniciativas.

Todos se entusiasmem por este grande movimento em preparação do Ano Champagnat em toda nossa família religiosa.

É graça que dará a conhecer e amar mais um «santo educador» que muito pode dar aos jovens de nossos dias.

ÁFRICA DO SUL

Quase todos acompanhamos os acontecimentos que se desenrolam nas diversas partes do mundo. A situação na África do Sul nos comove. Constatamos a injustiça que reside em seu bojo e sucede termos de tomar posição frente aos movimentos que vêm a nosso encontro para buscar orientações. A análise circunstancial esboçada pelo Arcebispo Hurley, em conferência apresentada em fevereiro na Universidade de Georgetown, ao receber o título de «Doctor Honoris Causa» nos ajudará a compreender melhor o assunto em foco e aquilatar-lhe a complexidade.

«Sinto-me indigno desta honra, tanto mais que pouco tenho a sugerir, no que se refere à modalidade possível de nos libertar de enredo tão trágico, em que meu país está envolto.

Todos estamos cientes que, mais dia menos dia, a população de cor, por sua importância numérica, formará governo majoritário na África do Sul que, com certeza, mudará até de nome.

O modo da evolução dos fatos continua imprevisível e origina muitos temores. Será a repetição clássica do choque de forças irresistíveis contra «o estado de coisas» considerado e mantido agora como inamovível.

1. Este estado é o regime minoritário branco, alguns cinco milhões de africanos, descendentes dos antigos colonizadores zelandeses, franceses e alemães que se estabeleceram no Cabo, no século XII e constituem 60 % dos brancos. Os outros 40 % são de fala inglesa, vindos depois, mas, embora tenham aceitado o comportamento racial dos predecessores, mostram-se mais liberais.

O nacionalismo africano luta pela sobrevivência dos brancos e de seu regime. Esta determinação é o nervo motriz do Partido Nacional, que está no poder, e de dois outros de extrema direita, oriundos da mesma agremiação política.

Neste nacionalismo exasperado temos o exemplo notável até onde chega uma comunidade de cultura étnica muito forte e muito vigorosa.

É o instinto de sobrevivência de um grupo que se amalgamou e não há outro, na história humana, que tenha demonstrado tanta resistência e tanta vontade de luta. Persiste na vontade de prosseguir, não lhe importando os meios que devam ser tomados, para a consecução de seu intento.

Não pretendemos dizer que seja característica exclusiva do nacionalismo africano ou atitude social do branco sul-africano; tornou-se comportamento funda-

mental do grupo: a humanidade perpetua-se e cresce pelo grupo, seja no plano comunitário, seja no plano cultural, receia de sua vida e, em consequência, reage: é questão de viver ou de morrer. Explica-se, assim, o enrijamento do governo da República da África do Sul a ponto tal de nem vislumbrar um regime com gente de outro pigmento.

Nesta altura, não contam os argumentos e as comparações. Apresentar o caso do Zimbábue, onde não se passa tão mal como se temia, pois muitos ex-rodésianos regressaram para lá, não impressiona os sul-africanos. Respondem que o Primeiro Ministro do Zimbábue tem idéias comunistas e é pelo partido único. Há uma convicção inabalável: a comunidade e a cultura sumiriam num estado dominado pelos melanodermos e o receio que isso aconteça supera todos os argumentos.

É nesse espírito que um povo, nada cruel por natureza, vale-se, contudo, de métodos muito desumanos e opressivos para conservar o lugar de força dominante na África do Sul.

Este povo gostaria, no entanto, de achar soluções aos problemas e não ter de empregar medidas contundentes contra os pretos. Os líderes sustentam que abandonaram a política de segregação racial, porém, os fundamentos subsistem sempre: a constituição política, as leis relativas à propriedade, à educação, os territórios «reservados» no interior da República, a «Lei do Registro de População» que classifica os habitantes pelo biótipo racial. Tudo isso prossegue com força de lei. O regime garante que aboliu o «apartheid» porque se esforça desesperadamente por achar fórmulas que lhe facultem a partilha do poder com os sul-africanos de pigmento diverso, sem perder o controle.

2. O segundo parceiro, essa «força irresistível», é o «Black Power» do qual a gente se apercebeu a partir de setembro de 1984. Esta força dos pretos cresceu no decorrer dos anos anteriores, mas os acontecimentos de setembro de 1984 são indício seguro de que os não brancos da África do Sul assumiram seu destino e estão decididos a libertarse, não lhes importando a demora e o preço que for preciso pagar.

Em setembro de 1984, um destacamento do exército foi enviado a um quarteirão de população negra, na província do Transval, para coibir certas desordens.

O estopim foi o começo de uma oposição da comunidade local à elevação dos aluguéis. A gênese mais profunda residia num sentimento de frustração extrema de uma população submetida a uma opressão asfíxiante, sufocante mesmo, oriunda do separatismo e do segregacionismo anteriores. O descontentamento voltou-se, de início, contra os membros do conselho do quarteirão, cidadãos de cor prepostos pelos brancos.

As casas e as pessoas tornaram-se alvo dos ataques.

Os que não tinham mais aonde ir foram concentrados em acampamentos militares.

Aspecto importante deste levante foi o papel dos jovens, sobretudo dos estudantes secundaristas. Já em anos anteriores, haviam protestado contra o ensino inferior sob todos os pontos de vista: quantitativo, qualitativo e administrativo. O último recurso foi o boicote. Em diversas regiões o sistema educacional foi paralisado ou desapareceu. O lema era: «Libertação antes da educação». Os pais não sabiam como proceder: eram acusados de fracassados em sua tarefa e os jovens proclamaram a determinação de mostrar como desfazer-se do segregacionismo.

Os pais se ajuntaram em grupos para discutir o problema dos filhos rebelados. Sentiam-se confrangidos - uns admirando a combatividade dos filhos - outros, temendo que a oportunidade de um aprendizado, embora ineficiente, não se perdesse para sempre. No início do ano seguinte parece que a maioria dos estudantes pretos tenha aceito o retorno aos estudos.

Estas desordens custaram muitas vidas ceifadas ou diminuídas, propriedades danificadas ou destruídas. Os atos de violência, de parte e de outra, causaram 2300 mortes.

Em duas oportunidades o governo decretou o estado de emergência: o primeiro, limitado geograficamente desde julho de 1985 a março de 1986; o segundo foi geral, após meia-noite de 11 de junho de 1986 continua em vigor.

As decisões no que se refere à supressão de informações, à interpretação de discursos e aos atos subversivos, são draconianas. Calculam-se 25000 as pessoas atualmente detidas. Entre elas, há gente da Igreja, como o Padre Smangaliso Mkhathshwa, secretário geral da Conferência Episcopal Católica Sul-Africana. O número de presos ligados à Igreja chegou a quarenta. Agora continuam nesta situação: dois padres, duas religiosas, dois diáconos e quatro auxiliares leigos.

É difícil prever-se quando será levantado o estado de emergência: acontecerá antes da grande transformação que guindará os pretos ao poder político? Na ótica das reivindicações dos negros é esse o objetivo primordial e indispensável.

Evidentemente, desde setembro de 1984, os movimentos políticos ebânicos cresceram em número e nas motivações.

(Há modo de classificar os movimentos libertatórios?)

Na África do Sul, o principal movimento é UDF (Frente Democrática Unida), formado em 1983, sob a inspiração do pastor e teólogo Alan Boesak, da Igreja Reformada — Igreja Reformada Holandesa—. Ele é considerado mestiço e foi contra a imposição de uma nova constituição e contra a decisão de eleições gerais segunda a mesma.

Tal projeto previa uma espécie de representação parlamentar para os mestiços apenas e para os asiáticos, sendo afastados os negros. Centenas de organizações locais negras e outras brancas colocaram-se sob a bandeira do UDF, por isso, tornou-se o catalisador do mal-estar que fermenta desde setembro de 1984. No que se refere à política e ao futuro, o UDF compartilha visão semelhante com o ANC — Congresso Nacionalista Africano— que continua sua influência do exílio, sob a presidência temporária de Olivier Tambo, apoiado na presença simbólica e na força do líder Nelson Mandela, em prisão perpétua, na cidade do Cabo.

Além do UDF encontram-se outros grupos negros que se esforçam por se fazer ouvir:

«Organização Popular Azaniana», menos numerosa que o UDF e inspirada no movimento «Consciência Preta».

Este movimento recusa-se cooperar com o UDF que, nos princípios, aceita a participação dos brancos. O partido «Inkatha», sob a égide do Chefe Zulu, Gatsha Buthelezi, no Natal, reagrupa os partidários do povo zulu e aceita trabalhar dentro dos quadros constitucionais das «Homelands» (Pátrias Nativas). Nem o UDF nem o ANC querem algo com esse partido.

Outro elemento importante na evolução social da África do Sul é a expansão e o poderio dos sindicatos de trabalhadores negros. Tais sindicatos são dominados por duas federações que não chegaram ainda a um entendimento recíproco.

O Inkatha rejeita as duas federações e se esforça por encorajar seu sindicatos sob a tutela dos homens de negócio e de políticos.

Tudo isso explica a complexidade do cenário da libertação.

O ANC e o UDF inspiram-se na mesma política e na mesma visão; são favoráveis a sanções econômicas contra a África do Sul. Mas o ANC se comprometeu com o caminho da violência para derrubar a opressão do estado, o UDF recusou-se a isso, até o momento. O ANC colabora com o Partido Comunista Sul-Africano, no exílio e conta com membros até em posições elevidas.

No que diz respeito ao UDF não se pode afirmar, pois apenas existe no interior do país, onde o partido comunista é ilegal desde 1950, e conseqüentemente muito «secreto», no que se refere aos afiliados.

Tanto o UDF quanto o ANC não escondem sua fé num eventual regime socialista na África do Sul.

Há confrontos entre os aderentes destes partidos. A região de Durban foi teatro de guerrilha entre UDF e o Inkatha.

Na verdade, as maiores vítimas dos atos de violência são os próprios negros que pertencem aos organismos e aos quadros de que o governo se serve para assegurar a continuidade do sistema: sejam as forças da or-

dem, sejam os membros dos conselhos dos quarteirões pretos.

O método mais bárbaro inventado contra os sublevados é a «coleira». A vítima, com as mãos atadas, carrega aos ombros, enfiado no pescoço, em pneu de automóvel, embebido de gasolina ao qual se põe fogo.

3. Que linha de procedimento pode a Igreja traçar face estas situações?

— Denunciamos o recurso à violência, seja do lado do governo, seja do lado da população que reage.

— Pedimos evolução política acelerada que crie as condições necessárias a negociações, que conduzam a uma participação total de todos os sul-africanos na vida política, econômica e cultural do país.

Isto quer dizer: acesso ao poder, por parte dos negros e eventual criação de governo dos pretos.

— Nós nos pronunciamos a favor de pressões econômicas contra a África do Sul, justificáveis moralmente, admitindo que não somos especialistas em ciências econômicas e políticas, expressando nosso receio frente a medidas extremas que pudessem arruinar a economia do país, criar o desemprego e aumentar a pobreza.

— Deixo-lhe o cuidado de tirar as conclusões sobre o efeito que tal decisão ou proclamação pode ter num país fervendo de impaciência e aparentemente mantido sob controle pelas forças policiais e do exército.

— Nossa maior falta, como Igreja, foi de não ter encorajado a educação do povo numa ótica cristã para os grandes problemas políticos, econômicos e culturais de nosso país. Embora «profetas» neste domínio, não evangelizamos. Nada de comparável com a América Latina ou com as Filipinas temos, no que se refere ao número e às realizações das comunidades de base.

— Isto levou nossa Conferência Episcopal a concentrar-se na planificação pastoral: repensar toda nossa ação pastoral, para intensificar nossa própria formação e evangelização, depois, a de nossos padres, de nossos religiosos e de nosso povo, para fazer irradiar a influência evangélica no meio social.

Pode ser pouco e tarde, mas nos encaminhamos resolutamente para uma direção específica, conscientes da dificuldade de que um grupo mude o modo de ver as coisas, como é o caso dos brancos da África do Sul, que durante anos mantêm o poder e os privilégios.

— É necessário deixar-nos guiar pela Providência e agir com urgência, como tiveram de fazer as Igrejas latino-americanas há uma geração atrás e recentemente a das Filipinas. Confiamos na misericórdia de Deus e em suas orações.

— Tentaremos fazer o que se fez na América Latina e nas Filipinas.

Toda a Igreja faz apelo para um grande esforço de evangelização que lhe permita criar relações mais íntimas entre sua vida, sua missão e as necessidades sociais surgidas nos dois últimos séculos como fator dominante da experiência humana.

Creio que todos nos damos conta deste princípio. O problema consiste em escolher e em praticar o método de evangelização que nos conduza da teoria ao sucesso da prática.

Se nos empenharmos com seriedade, as mudanças feitas na Igreja católica desde o Vaticano II, nos parecerão mínimas em confronto com as que nos aguardam.

A base será nossa aceitação total do fato que os valores sociais e culturais são responsáveis, em grande parte, pelo que somos e influenciam nossa vida. Com o auxílio de Deus, seremos dignos desta tarefa.»

Aproveitamos rápida passagem por Roma do Irmão Jude Pieterse, ex-Provincial da África do Sul, para completar este artigo e receber informações sobre como os Irmãos encaram a situação.

Valer-nos-emos do método por perguntas e respostas:

Pergunta: Concluído seu mandato de Provincial, agora está a serviço da Conferência Episcopal de seu país. Há razões especiais para isso?

Resposta: A educação desempenha e continuará a desempenhar papel muito importante na situação da África do Sul. A falta de formação, e mesmo das possibilidades de formação, é a questão básica para a grande maioria da população. A Conferência Episcopal preocupa-se com o trabalho feito nas escolas católicas e interroga-se a respeito do que se poderia fazer para melhorar ainda mais sua eficiência no contexto atual. Numa sessão plenária, decidi fundar um organismo que agirá junto aos professores das escolas católicas para conscientizá-los a respeito do papel da Igreja, das orientações que dará às escolas, daqui para frente, e lhes fornecerá possibilidades para a reciclagem.

A grande maioria dos professores de cor não conseguiu completar o curso secundário. É fundamental ajudá-los neste ponto, para que se sintam mais preparados e mais competentes para enfrentar as contingências atuais.

No domínio do ensino social da Igreja, nossas escolas se alinham numa política semelhante àquela das escolas do Estado ou procuram ser instrumentos para a evangelização do país? Pensando nisso, decidiu-se a fundação do Instituto Católico de Educação. Dado que estou trabalhando, há tempo, na educação da juventude e como sou bastante conhecido nesse ambiente, os Bispos pediram a meus Superiores para me liberarem para esta fundação.

Para entender nossa linha de ação, é preciso dizer que o Estado possui o monopólio do terceiro grau secundário e que se reserva as escolas de formação de professores e o direito de lhes conferir diplomas.

De momento, somos uma equipe de sete pessoas e trabalhamos com os jovens dos centros para a formação de monitores de aula. Organizamos salas de trabalho para os estudantes católicos dos colégios oficiais, onde contrabalançamos, em parte, a educação protestante que recebem. O cristianismo da escola pública inspira-se em princípios calvinistas e sobretudo nacionalistas, dominados por uma filosofia patriótica situacionista e que se regula cegamente pelo que o governo decreta.

Uma segunda modalidade de ação abrange a reciclagem dos professores pretos e procuramos levar para as escolas o ensino social da Igreja.

Uma terceira maneira é a produção de material didático para complementar o que é fornecido pelo Estado. Damos destaque à História, que é interpretada exclusivamente em função do branco, enquanto nós fornecemos subsídios para uma visão do que é africano.

Tentamos ser um ponto de apoio para as escolas na resolução dos problemas cotidianos. Há contínuas negociações com o governo no que se refere às escolas. Este assunto ocupou a maior parte de meu tempo, até aqui.

No conjunto da situação, o gesto dos colégios católicos, embora mínimo, traz consigo um grande significado: trata-se da admissão de alunos de todas as raças.

Pergunta: Após as visitas de nossos Irmãos Conselheiros, percebemos que todos gostariam de saber algo mais sobre os países onde os confrades devem enfrentar situações difíceis: África do Sul, Sri Lanka, Filipinas...

Qual o papel dos Irmãos na África do Sul, no sentido de promover a harmonia racial e suprimir o sistema do segregacionismo?

Resposta: Podemos abordar o assunto sob dois aspectos:

Primeiro: Como, de modo geral, os Irmãos procedem.

Segundo: Qual pode ser a ação específica neste domínio.

No primeiro aspecto, pode-se dizer que os Irmãos se colocaram do lado dos oprimidos, sem abandonar sua tarefa junto à população branca. Anos atrás, por razões históricas, víamos o país, sob o ponto de vista dos brancos, hoje procuramos analisá-lo sob a ótica dos oprimidos.

«Vemos, cada vez mais, com a visão escura.» Houve mudança significativa, uma «conversão» em nossa maneira de pensar, de agir e nas atitudes dos Irmãos de meu país.

No segundo aspecto, poderia citar três domínios em que os Irmãos testemunham, com evidência, tal opção:

— Desde o início, os Irmãos foram os primeiros na abertura das escolas para alunos de todas as raças.

Nos primeiros anos, o futuro destas escolas esteve seriamente ameaçado. De momento, os números de escolas dirigidas pelos Irmãos falam por si. Temos três colégios com perto de 50 por cento de alunos pretos, quando há uma década atrás, não havia nenhum. As outras escolas, oficialmente para brancos, têm de 20 a 30 por cento de alunos de cor. Esta abertura foi recebida positivamente e no colégio de Joanesburgo, o Observatory, foi preciso recusar matrículas a candidatos pretos, pois se apresentaram em número maior do que o espaço permitia.

Agora, em face deste desenvolvimento, estamos observando e estudando a situação, os programas, junto com outras escolas católicas da região.

— Alguns Irmãos se comprometeram, de forma mais explícita, com ensino aos pretos. Assim, temos a presença de Irmãos em duas escolas secundárias do SOWETO. Há Irmãos que ensinam numa escola para negros em UMTATA, no Transkei, e outros numa escola pública de um novo bairro de SLOUGH.

— Outro modo é o compromisso que nos orienta para os pobres e os oprimidos, no sentido de dar-lhes ajuda concreta na construção de escolas e dispensários.

Para os marginalizados de certos bairros, há recolhimento de víveres e roupas. Levam-se auxílios para as famílias dos presos, procura-se que tenham o direito de visitá-los e pagam-se as viagens para que regressem ao lugar de origem.

Os Irmãos são levados a exercer diversas atividades apostólicas e outras iniciativas. Mas, a mão esquerda ignora o que faz a direita.

Pergunta: Qual seria seu parecer sobre o futuro do país, em geral e dos Irmãos, em particular?

Resposta: Sou da opinião de que a situação do país vai-se envenenando. Presenciaremos mais repressões em face das crescentes aspirações dos negros. O governo recorrerá cada vez mais à força para abafar tais anseios e nos atolaremos nesta situação. Aguardamos que os Irmãos Maristas prossigam a colaborar do lado dos pobres e oprimidos, venha o que vier.

Pergunta: Sua Província abriu o noviciado neste ano. Como encara o futuro para as vocações?

Resposta: Com muita simplicidade, acredito que por nossa atuação, continuaremos a atrair a juventude. Penso que as pessoas compreendem a nova orientação dos Irmãos e acho que esta decisão inspirará jovens a unirem-se conosco, o que poderia, mais adiante, levá-los a ingressar na Congregação. É começo bem discreto, mas, confiamos que se desenvolva.

Sem dúvida, enfrentamos situação difícil, tanto a população negra, assanhada em volta das aspirações políticas, como a população branca que se sente ameaçada de perder os frutos de seus trabalhos e esforços.

YAD VASHEM

Homenagem do povo judaico aos que salvaram os judeus do terror nazista, com perigo de sua vida.

Depois de quase quarenta anos, oito Irmãos Maristas de Budapeste foram agraciados com o título «**Justo entre as nações**» na sinagoga de Vichy. Por que tanto tempo? Percebe-se que as pesquisas não foram fáceis.

Este reconhecimento expressa-se simbolicamente pela criação de «um jardim da vida», em oposição aos «campos da morte»; plantio de uma árvore, à qual se dá um nome, no monte das Recordações, em Jerusalém.

Diante da impossibilidade de ir ao local, os Irmãos pediram ao comitê «YAD VASHEM» de plantar só uma árvore com os oito nomes e a menção geral: «Os Irmãos Maristas de Budapeste».

Peregrinos pela Terra Santa, se um dia visitarem o monte das Recordações, procurem esta árvore entre milhares de outras. É uma lembrança de família muito preciosa que lembrará, por muito tempo, a caridade de nossa comunidade para irmãos perseguidos e indefesos.

(Segundo um artigo do Ir. Alb. Pflieger - Étincelle, n.º 50)

— Extrato da história da Província de Constantinopla AFM.

Procuremos situar em algumas linhas a vida desta comunidade, durante os dois anos da presença nazista em Budapeste.

Para os Irmãos tornou-se preocupação constante o cuidado de salvar, de esconder e de colocar a salvo dezenas de meninos judeus durante esse período. Além

de não esquecer de estender a solicitude aos soldados alsacianos em dificuldades.

Traídos, foram denunciados à Gestapo.

Adivinha-se a seqüência. A aproximação das tropas russas fez desaparecer os torturadores. Foram cinquenta e seis dias de calabouço e de interrogatórios infinhos.

A 11 de fevereiro de 1945, um bombardeio destruiu parte da prisão e lhes permitiu fugir.

O que fazer em liberdade? Procurou-se reavivar a escola. Mas, as ilusões não duraram. De maneira alguma poder-se-ia manter a obra.

Agora tratava-se de sair do país. Os Irmãos húngaros conseguiram permissão de expatriar-se cedendo ao governo a residência e a escola.

COMUNIDADE DE BUDAPESTE EM 1944...

Ir. Luís Gabriel: Louis Prucser (+ 75)
Ir. Estêvão Alberto: Alb. Pflieger (Varenes)
Ir. Eduardo Estêvão: Lad. Pingiczer
Ir. José Feliciano: Alex. Hegedüs (Langon)
Ir. Júlio Bernardo: Ber. Clerc (+ 74)
Ir. Felicíssimo: J. B. Bonnetbeltz (Brive)
Ir. Nandor-Francisco: Angyal (Varenes)
Ir. Vítor Maria: Ferdinand Fischer

Na foto, há um nono Irmão: Ladislau Harnisch que abandonou a comunidade antes da chegada dos nazistas. (19/03/44.)



Cinco sobreviventes, após a cerimônia judaica em Vichy (França).

OS IRMÃOS PROVINCIAIS E OS SUPERIORES DE DISTRITO

AMÉRICA CENTRAL



José Javier Espinosa

Nasceu em Tafalla, Navarra, em 4 de dezembro de 1944. Depois de dois anos de professorado, prosseguiu os estudos no Jesus Magister e foi professor e diretor até 1980. Foi nomeado mestre de noviços em Venta de Baños e foi escolhido Provincial em dezembro de 1985.

BÉLGICA-HOLANDA



Marcel Blondeel (Édouard)

Nasceu em Pittem, na Bélgica, em 15 de janeiro de 1932. Em 1953, ensinou durante dois anos, após os quais ingressou na Lovaina para ser licenciado em Pedagogia. Kursou a espiritualidade em Roma e concluiu os dois primeiros mandatos como Provincial de 73 a 79. Retomou a função de Provincial em dezembro de 1985.

Nasceu em Tepatlán, México, outubro de 1932. Em Querétaro, completa 12 anos de professorado e directorado. Em 1971 segue o curso Champagnat, em Roma, para onde regressa em 1985 para dirigir uma sessão de 2 meses de reciclagem marista. Os Superiores o nomeiam Provincial em dezembro de 1985.

MÉXICO OCIDENTAL



José Guadalupe Romero

NORTE



Antonio Martínez Fernández

Nasceu em Lodosa, Navarra, em 7 de março de 1941. Uma vintena de anos passados no apostolado do ensino e do directorado. Passou em Roma, no Centro Champagnat em 1983. Ao sair é nomeado Ecônomo provincial em 1984. Os Superiores o mudam dos afazeres temporais para os espirituais nomeando-o Provincial em 1985.

Nasceu em Wellington, em 21 de abril de 1927. Durante 21 anos, de 47 a 68, consagra a vida ao magistério e directorado. Em 1968, participa dos exercícios do segundo noviciado em Friburgo. De regresso a Auckland, assume o escolasticado. Em dezembro, torna-se Provincial.

NOVA ZELÂNDIA



Bernard Blewman

SANTA MARIA



Carlos Mombach

Nasceu em Campestre, Brasil, em 15 de maio de 1919. Sua carreira de professor, iniciada em 1939, interrompe-se com o segundo noviciado em Saint-Quentin-Fallavier. Depois de 45 anos de atividade, dão-lhe uma distração, confiando-lhe o Provincialato em dezembro de 1985.

Nasceu em Kala-Eliya, na ilha do Ceilão, em 4 de setembro de 1938. Teve alguns anos de magistério, antes de ir a Poughkeepsie para concluir os estudos, em 1965. Na Província fica encarregado da formação. A dedicação e a experiência o conduzem ao Provincialato em 16 de março de 1986.

SRI LANKA



Remigius Fernando

POUGHKEEPSIE



Sean Sammon

Nascido em Manhattan, N.Y., em 26 de novembro de 1947. Nos anos 70, inicia a carreira apostólica no ensino. É nomeado para Shitinsville e a partir de 1983 assume o diretorado da «House of Formation» internacional. Os Superiores o convocam para o cargo de Provincial em março de 1987.

Nasceu em abril de 1937 em San Giorgio di Nogaro. Exerceu o apostolado do magistério em Roma, Mondovì, Roma e Gênova. Depois de 1979, a Província lhe confia um cargo mais vasto, designando-o diretor pedagógico. Em fevereiro de 1987, aceita a responsabilidade de Provincial da Itália.

ITÁLIA



Graziano Gori

MADRID



Jesús García Garayo López

Nasceu em Zubiri, Navarra, em outubro de 1938. Lecionou durante 6 anos desde 1959 e completou os estudos em 1965. Superior de Alcalá, Vice-Provincial, conselheiro, participa dos destinos da Província e torna-se Provincial em 1986.

Nasceu em Adelaide, Austrália do Sul, em primeiro de agosto de 1943. No fim do escolasticado em 65, leciona durante dez anos. Volta aos estudos. Fica responsável pelo noviciado de Lomeri (Fiji) e completa os estudos em Chicago antes de aceitar o cargo do Distrito.

DISTRITO PAPUÁSIA...



Desmond Howard

DISTRITO DO PARAGUAI



Inocencio Martínez Calvo

Nasceu em Segura de los Baños (Teruel - Espanha) em dezembro de 1933. Curta carreira de professor desde 1953. Quatro anos de estudos no Jesus Magister o orientam para a formação. Em 1982, vai ao Paraguai onde atualmente é Superior.

Nasceu em Nova Prata, Brasil, em 19 de dezembro de 1930. Conclui o escolasticado em 1954 e leciona até 1965. Segue o ano de espiritualidade em Roma, em 1965 e regressa em 1975. Arcou com responsabilidades diversas desde 1969. Vice-Provincial entre 81 e 84, é nomeado Provincial em outubro de 1986.

PORTO ALEGRE



Albino Trevisan

Queremos nos associar com alegria às Irmãs Missionárias da Sociedade de Maria (SMSM) e apresentar nossas homenagens fraternas à Irmã Patrícia STOWERS, eleita para o cargo de Superiora geral no início do Capítulo geral que a Congregação realizou em junho passado, em Roma.

Natural de Samoa Ocidental, a obediência já lhe tinha confiado o cargo de Superiora regional para aquele setor.

Em 1984, participou, em Friburgo, da experiência de um curso organizado para as quatro congregações maristas (sessão de língua inglesa). Queira Deus abençoar-lhe os esforços, as orações e a consagração.



HISTÓRIA DAS PROVÍNCIAS

CANADÁ

Exceptuada a diocese de Quebec, cuja fundação remonta a 1674, todas as demais dioceses canadenses são posteriores a 1800.

Na época em que os Maristas vão se implantar no Canadá, já existiam vinte e seis dioceses constituídas, no conjunto das sessenta atualmente formadas. De 1908 em diante a Igreja canadense não depende mais da Congregação da Propagação da Fé. Era o que chamaríamos hoje: «Igreja Jovem». Em 1886 elegeu seu primeiro Cardeal e em 1889 a Igreja romana instalou uma delegação apostólica em Ottawa.

O bispo de Saint Hyacinthe, cuja diocese havia sido criada trinta anos (1852) completa a organização de sua igreja local. Tem a peito estruturá-la por completo e garantir-lhe o funcionamento dos serviços costumeiros numa comunidade cristã autônoma. Na organização, as escolas «católicas» ocupam lugar importante. Os católicos canadenses fazem questão de viver a fé e, dado o crescimento demográfico, procuram fortalecer-se socialmente para fazer respeitar seus direitos e sua cultura. O bispo quer fornecer às paróquias o apoio de boas escolas profissionais e poder oferecer ao maior número de localidades centros educacionais, que serviriam de auxílio às famílias que contavam com jovens numerosos. A natalidade era grande, as famílias numerosas e as necessidades imensas.

Impõe-se uma solução duradoura, como a de recorrer a uma congregação religiosa ensinante, cujos Irmãos assegurarão estes serviços sem sobrecarregar as finanças (um dos nós da questão...) e que lhe assegurem este encargo para o futuro, tão importante em obra vital como a escola, sem fazer sombra ao trabalho do clero diocesano, dividindo as tarefas e as atribuições. O velho mundo procura-se tal pérola preciosa. Tem-se, assim, «o potencial» para o começo. O zelo do pastor não se limita à escolha de uma pérola preciosa apenas.

No seu modo de entender, a eficiência do ensino não estaria assegurada apenas com uma congregação, mas com diversas. É o que conseguiu no vinte e cinco anos de seu episcopado.

«Esta fundação diocesana... era, por assim dizer, a única que faltava à diocese. Não teremos mais de mendigar professores como antes... Encontraremos aqui o que nos faltou até agora.»

(Extraído da carta de D. Moreau aos diocesanos, 1887.)

O cuidado episcopal de garantir o prosseguimento da obra empreendida, leva-o a interessar-se de perto para que os Irmãos estabeleçam o noviciado em sua diocese.

Dois anos após a fundação, compreende-se com facilidade quais as economias que as comunidades poderiam ter feito; sobretudo quando o contrato de fundação estipula uma subvenção de \$ 200 anuais aos Irmãos ensinantes. Os recursos destes são muito fracos. O bispo precisa ajudá-los se quiser ver o desejo satisfeito.

«Nossa solicitude... Precisa que estes bons Irmãos pensem em construir um local necessário para receber os noviços... (Da parte dos Irmãos, nessa época, isso era uma aspiração piedosa, um sonho...)»

O recrutamento desta comunidade interessa a toda a diocese, é justo que todos colaborem. Acreditei que deveria testemunhar meu vivo interesse para esta fundação religiosa, socorrendo-a nas primeiras dificuldades da fundação e toda a diocese deveria ajudar-me com generosidade e colaboração.» *D. Moreau.*

Ninguém quer adiar a fundação do noviciado e aceita-se uma situação provisória em Saint Athanase. O berço instala-se em Iberville, na paróquia de Saint Athanase. D. Moreau já previa esta solução em carta de fevereiro de 1885.

«...Não posso, de momento, oferecer-lhes outro local para instalar o noviciado. O assunto não deve demorar muito, porque várias paróquias me expressaram o desejo de ter Irmãos professores. Em todo o caso, poderiam começar em Saint Athanase, cuja casa é espaçosa e permite a abertura do noviciado sem prejudicar as aulas.»

Quando os queridos Irmãos estiverem lá, lhes será fácil escolher local para o noviciado e farei questão de auxiliá-los, se for o caso, a pesquisar esse terreno para assentar a fundação canadense.»

(Carta de D. Moreau, 08/02/1885)

O que se pode dizer é que este bispo de Saint Hyacinthe não deixa os planos recobrir-se de poeira... Toma a peito transladar o noviciado dos Irmãos na cidade episcopal. Esta remoção suscita resistências bastante fortes na comunidade paroquial e da mesma comuna de Saint Athanase. Esta, tendo colaborado muito na fundação, considerava um pouco «seu» o noviciado e a saída seria uma frustração.

O vigário, Saint Georges, estava em situação precária, achava-se pressionado pelos paroquianos... alguns algo exaltados, pelo desejo de seu bispo, pelos interesses dos Irmãos e pelos da paróquia. Os cabeças mais fogosos quiseram ir até ao Cardeal Prefeito da Propagação da Fé, em Roma.

Não estavam ainda em voga as manifestações de rua, assim, tudo se acomodou no local mesmo, em benefício dos dois lados, tendo em consideração os elementos justificativos para as duas posições.

O bispo deixou de molho por algum tempo o projeto de Saint Hyacinthe, mas continuou firme no seu propósito! A 3 de novembro de 1892 o noviciado foi transferido para Saint Hyacinthe. O seminário tinha cedido a vila «Bedini» e suas dependências para este objetivo.

Ao falecer D. Moreau, 1901, o Canadá Marista adolescente possui: juvenato, escolasticado e noviciado.

Por ocasião do jubileu sacerdotal do bispo, o Irmão Côme fez questão de lhe expressar os sentimentos de todos os Irmãos Maristas do Canadá:

«Nunca esqueceremos, Excelência, a bondade com que nos acolheu por primeiro em sua diocese, a Primeira na América... O apoio constante que achamos em sua pessoa... Em todas as ocasiões nos animou, sustentou e defendeu, quando preciso...»

Os juvenistas de Iberville e os noviços de Saint Hyacinthe devem a Vossa Excelência os locais de que dispõem. É seu fundador, pai, amigo dedicado e insigne benfeitor». (Extraído do Boletim Marista, n.º 811)

18...

De momento, abandonamos provisoriamente as barancas do São Lourenço e nos voltamos para o Leste, passando a fronteira. O desenvolvimento industrial desloca as populações. O exílio não se deve mais à perseguição religiosa ou política. O trabalho e o salário tornaram-se chamarizes. Novas comunidades paroquiais surgem junto aos centros manufatureiros, conjuntamente com a necessidade de escolas e de professores.

Surge um pedido do Superior dos Dominicanos, pároco canadense de «LEWISTON», preocupado de dar uma escola paroquial à comunidade e que ajudasse à juventude preservar a cultura e a fé, embora se adaptando às leis do novo Estado onde se estabeleceram.

A obrigação de um curso de inglês suscitará problemas freqüentes. Aceitar obra nessa região implicará na obrigação legal de trajar como «secular», fora de casa. Assina-se contrato segundo o modo da época: escola paroquial, subvenção anual a cada Irmão ensinante, liberdade para os Irmãos seguir os métodos pedagógicos usados no Instituto; liberdade dos Superiores na designação do pessoal.

Respeitando nossa inserção na Igreja, os Superiores se comprometem com o bispo de Portland (diocese erigida em 1853). Foi o modesto início de uma escola de três Irmãos para lançar nosso apostolado nos Estados Unidos.

1905. FUNDAÇÃO EM POUGHKEEPSIE

Organizada a primeira escola, deve-se pensar numa casa de formação. Quem diz escola, pensa nos Irmãos e Irmãos autóctenes. O Irmão Estratônico, no decorrer da visita, acompanhando o Irmão Teofânio, S.G. em 1904, tinha realizado as primeiras pesquisas. Depois confiou o trabalho ao Irmão Zeferino.

Os Padres Redentoristas foram os primeiros a ser abordados.

Bateu-se na porta dos Jesuítas, que nos garantiram o futuro e nos ajudaram logo a encontrar uma propriedade. Situada a meio caminho entre Nova Iorque e Albany, próxima a uma cidade, os serviços religiosos garantidos pelos Padres Jesuítas, uma área de 16 ha, permitindo adaptações ulteriores, num terreno acidentado levemente com uma parte coberta de mata, dispunha de área verde e propiciava intimidade. Esta escolha inicial parece que nunca foi criticada pelas gerações que lá se sucederam durante cem anos.

Sua importância cresceu sempre e a aquisição de outra propriedade confinante, em 1909, permitiu construir o noviciado no prazo previsto.

1937. FUNDAÇÃO NO ZIMBABWE (Rodésia)

É a Província de Iberville que se encarregará desta missão, após a subdivisão de 1943.

Setembro de 1936:



O projeto provincial de cooperar com um trabalho missionário tornou-se efetivo: cinco Irmãos canadenses fazem uma escala em Londres para se preparar. Devem ir para a missão de Roma. Durante o ano mudou-se de idéia.

Após a solicitação dos Padres Jesuítas, os Irmãos retomaram a direção de uma escola para meninos pretos em Kutama. Os Jesuítas nos cedem a direção de seu colégio.

Aproveitamos uma circunstância excepcional, a recepção oferecida pelo Senhor Mugabe, Primeiro Ministro do Zimbabwe ao Primeiro Ministro do Canadá, Senhor Mulroney, no início de 1987.

Histórico da missão de Kutama, extraído do Jornal dos Ex-Alunos, editado nesta ocasião.

«KOBANEWS» N.º 4. Órgão Oficial da Associação dos Ex-Alunos de Kutama.

1912: Primeira Missa celebrada na aldeia de Kutama.

1913: Primeira escola primária.

1914: O padre Loubière, S.J., torna-se o primeiro padre residente em Kutama.

1916: Construção da primeira igreja por dois Irmãos Jesuítas:

Irs: Haupt e Marley.

1926: Abertura de escola para professores.

A formação pedagógica estende-se por dois anos, após a conclusão do secundário básico.

1937: Chegada de cinco Irmãos canadenses, depois de fazer estágio na Universidade de Londres.

O bispo A. Chichester, S.J., tomou todas as medidas para confiar-lhes a direção da escola pedagógica, do pensionato e do externato.

1939: Os Irmãos Maristas canadenses trabalham na escola de Kutama: Irmão Patrício (+1949) lhe assume a direção com o Irmão Miguel (+1960), Irmão Ernesto (+1983), Irmão Antônio, Irmão Efrém (+1984) e Irmão Paulo Benedito (+1984). Um dos alunos chama-se Roberto Gabriel Mugabe que terminará em 3.º lugar entre os 29 elementos de sua turma.

- 1943:** A escola acolhe os refugiados italianos.
- 1944:** O Irmão Antônio é o diretor da escola na época.
- 1949:** Completa-se o último grau de escola existente e o Irmão Efrém torna-se diretor da primeira «Escola de Treinamento Superior Regional» aberta em Kutama.
- 1953:** Designação do Irmão Agostinho como diretor.
- 1957:** Introdução do grau de Cambridge.
Na mesma ocasião, inaugura-se o bloco central das novas construções.
- 1964:** Abalo sísmico desloca as paredes da velha igreja e foi-se obrigado a demoli-la a dinamite.
- 1982:** Fundação de Koba.
- 1985:** Abre-se o secundário superior.
- 1986:** Completa-se o nível «Ciências».
Os primeiros alunos de grau A participam dos exames oficiais.
- 1987:** Em janeiro, a escola recebe a visita do Primeiro Ministro do Canadá, conduzido por Mugabe, Primeiro Ministro do Zimbábwe.
A festa da recepção reuniu uns 2000 alunos e um grande número de ex-alunos, felizes pela ocasião que se lhes oferecia de reatar-se à velha escola e admirar os progressos realizados.

Pessoal de direção:

Padre C. Freyer, S.J. Capelão.
Ir. Gaétan Boudreault, Diretor Geral.
Sr. J.A. Chinamana, Vice-Diretor.
Sr. S.P.C. Muringi, Prefeito de estudos.

População escolar:

Classes 1 e 2:	256
Classes 3 e 4:	233
Classe 6	: 117
Total	: 606

1946. FUNDAÇÃO NO MALAWI E NA ZÂMBIA

Foi em Mtendere que a Província de Levis principiou esta nova fundação.

Em poucos anos se desenvolverão as principais implantações nesse território.

Likuni - 1949 - Escola Secundária Masculina de Likuni.

Zomba - 1950 - Escola Católica Secundária de Zomba.

Sinda - Chassa - 1954 - Escola Secundária Chassa.

Kabwe - Escola São Paulo que será confiada à Província de Castilha, no final dos acordos de 1964.

Nianga - 1959 - Escola Secundária de Nianga.

Em 1959 tendo o Irmão Paulo Constante como mestre de obras, os Irmãos começam a dar a fisionomia atual ao local. Abrange duas construções, distantes 700 metros, uma da outra: «Vale Marista», casa de formação, e São Patrício, que ministra o ensino secundário completo em preparação aos exames de Cambridge.

O conjunto, ao pé do monte **Mose**, oferece bonita vista dos prédios bem dispostos que se enriqueceram, desde 1967, com uma magnífica piscina.

1948. FILIPINAS

Já em 1941, os Padres Oblatos haviam contactado a Província dos Estados Unidos para que assumisse algumas de suas escolas nas Filipinas.

«Pearl Harbor» adiaria o projeto.

A Província e os Irmãos desejavam poder fundar uma obra em país de missão.

Fiéis à promessa de 1941, em 1947, o Irmão Provincial, a pedido do Padre Superior dos O.M.I. foi a Cotabato para verificar a situação.

O projeto foi aprovado pelo Conselho Provincial e recebeu consentimento do Conselho Geral.

Fundava-se a missão. Em 5 de junho de 1948 os Irmãos Mauro Jaime, Humberto Damião, Herberto Daniel e Pedro Leonardo partiram de Novaorque e depois de algumas escalas, chegaram à cidade de Cotabato, capital da mesma província, ao oeste da ilha de Mindanao.

Na época, a missão e a maioria das habitações são construções de bambu recobertas de folhas de palmeira. A cidade fora destruída durante a ocupação japonesa. O Irmão Provincial havia exposto a situação aos Irmãos. Estes não se decepcionaram e acharam mesmo que encontrariam as coisas em pior estado.

Ao mesmo tempo que tiveram de viver na pobreza provisória de Belém, precisaram mostrar-se dignos da fama que os precedera, antes de começar.

A organização dos estudos foi similar à americana: o secundário composto de dois ciclos de quatro anos cada um.

Mal acabou o ano escolar, professores e alunos derubaram as paredes de bambu e iniciaram os fundamentos de um novo prédio escolar. A Província dos Estados Unidos supriu o dinheiro necessário. Acabadas as férias, a construção conduzida com a premência possível permitiu que os locais fossem ocupados no início do ano escolar seguinte.

Em 1950, um novo contingente de quatro Irmãos se instalaram na escola de Marbel, no centro da ilha.

A expansão das obras nas Filipinas permitiu que, em 1960, formasse distrito autônomo.

1951. FUNDAÇÃO EM KOBE (Japão)

Dois Irmãos, um deles Paul Ziegler (Maria Rafael), expulsos da China, orientaram-se para o Japão. Mas, de que forma entrar no ramo do ensino, num país exótico, do qual se ignora a língua e onde o ensino primário é privilégio do Estado? Procuram fundar uma escola particular, destinada aos filhos de europeus ou de americanos retidos no Japão por serviços profissionais.

De início, foi-se bastante feliz por achar uma residência, porque a hospitalidade do clero, sorte providencial e bem-vinda, é algo de que nem sempre se deve abusar.

Embora exilados duplamente, é preciso encontrar um campo de apostolado.

Uma comunidade de Irmãs procurava desfazer-se da propriedade. Algumas casinholas japonesas espalhadas num terreno de quatro ha. Os Irmãos lá se instalaram e no dia 17 de setembro, a escola abria as portas depois de mobiliada e aparelhada com material escolar obtido a preço módico. Apareceram 17 alunos e não havia



De la main levée, les Frères et l'assemblée donnent mission à leurs confrères pour leur futur apostolat au Liberia et au Japon.

necessidade de outros mais para iniciar, em tais condições. Uma troca de residência com os Irmãos de São João de Deus, que cobriam o terreno para construir um hospital, foi do agrado de todos. Com isso, conseguiu-se um local mais perto da cidade para nós e, para eles, espaço maior e mais tranquilo para sua obra.

Após dois anos de existência, a comunidade chega a cinco Irmãos e a matrícula é de 87 alunos. O programa escolar é o inglês completado por lições de francês. Os alunos fazem os exames de Cambridge.

Cinco anos mais tarde, uma comissão de pais fazia construir um novo prédio.

A «Marist Brothers' High School» nascia e tinha adquirido existência legal no Japão.

Mesmo que esta fundação não esteja ligada à história das Províncias da América do Norte, constituem ponto de partida para que as obras do Japão sejam assumidas pela Província de Poughkeepsie em 1957.

1954. ZAMBIA (Veja-se MALAWI)

Este ano verá a Província de Iberville aprestar-se para uma fundação missionária na Zâmbia. Fundam-se as obras de Kabwe e de Lusaka.

1958. MAKOUA

Quebec volta-se sempre a África e tenta enxamear para o Congo-Brazzaville e funda uma escola em Makoua. Infelizmente, a orientação política levada a cabo pela nova república ia «trancar» qualquer possibilidade escolar. Foi preciso fechar e abandonar a obra começada havia sete anos.

Este êxodo forçado orientaria os Irmãos para os Camarões, na arquidiocese de Yaounde para tomar conta temporariamente de duas escolas de ensino geral. Atualmente a Província tem lá três centros: Akono, Saa e Yaounde.

1959. UNIÃO DOS IRMÃOS DE SÃO FRANCISCO RÉGIS COM OS IRMÃOS MARISTAS

Citamos aqui um acontecimento que, embora tenha pouca expressão no Instituto, merece ser lembrado pela raridade na história das congregações.



Le Cardinal salue les Frères à l'issue de la cérémonie liturgique.

A Sociedade dos Irmãos de São Francisco Régis era organização apostólica assás específica. Cuidava da educação dos órfãos. Seus recursos provinham principalmente da agricultura que fornecia recursos regulares para o sustento dos orfanatos e era a base para o aprendizado dos órfãos que teriam, assim, o futuro garantido. A congregação havia-se consolidado na França. A lei de 1903 foi uma desgraça: fecharam-se os orfanatos, as propriedades confiscadas e sujeitas a toda sorte de tramóias administrativas. Os Irmãos perderam as obras e os meios de subsistência.

Foram obrigados a emigrar para o Canadá. Assim os Irmãos Maristas e os Irmãos de São Francisco Régis chegaram a conhecer-se melhor. Em 1959, estes Irmãos eram 20, dos quais 16 no Canadá e 4 membros septuagenários aposentados em Saint Arnaud (França).

O estabelecimento de Chicoutimi era próspero, bem organizado e servia de casa generalícia. O desânimo se insinuava, o futuro não dava esperança alguma. Pelas leis canônicas, precisavam pensar na união com outra congregação. A única solução em circunstâncias destas era a «fusão extintora». Não entraremos em detalhes canônicos que a terminologia desapiedada, embora romana, envolve.

As duas casas generalícias entraram em negociações...

Os juristas acertaram os detalhes, passando os Irmãos de Chicoutimi para a Província de Lévis e os da França, para N. D. de l'Hermitage... juntamente com propriedades, encargos, inventários e as complicações do direito civil que regulamenta o assunto.

De acordo com o respeito às liberdades individuais deixadas pelo Direito Canônico em tais circunstâncias: engajamento por votos, segundo as Constituições da nova congregação que acolhe, 16 Irmãos aceitaram o novo estado de coisas.

Após as cerimônias religiosas da manhã, presididas por D. Paré, bispo de Chicoutimi, de tarde houve uma confraternização na casa dos ex-Irmãos de São Francisco Régis. Estes, apesar de seus rostos tismados pela exposição aos trabalhos rudes, não sentiram «alergia» alguma de levar o rabá. Todos sentiram-se à vontade e não se distinguiam mais os novos dos antigos. Apenas havia «Maristas». Cumprimentamos, de passagem, os

sobreviventes da fusão: Irs. Rochette Joseph, Gagné Uldéric, Lapointe Lauréal, Villeneuve Bruno, Rochette Paul e Rouleau Patrice. Parece que alguns recantos de nossas propriedades canadenses lhes devem muita gratidão.

1942... ATÉ NOSSOS DIAS

Onde a questão é «um bom tubo».

A inamovibilidade é um hábito, um privilégio quase sagrado para os órgãos de igreja.

Há circunstâncias, contudo, que exigem sua remoção, apesar da balbúrdia de peças que a mudança de local requer. É raro que sobrevivam no novo ambiente. Ao se lhes dar na fantasia a troca de recinto, não bastará um simples carrinho familiar «2 CV» para o transporte.

As Províncias dos Estados Unidos e de Iberville, nos anos 50, andaram sempre com um «órgão» a reboque.

A história dos órgãos da casa provincial de Iberville deve-se a um conselho do Ir. Estratônico, A. G., ao ouvido fino do Ir. Luís Armando... e à afoiteza de todo um conjunto de Irmãos que não se apertavam com nada, animados de fé a toda prova, inclusive da ansiedade e do tempo para realizar tais proezas.

O périplo inicia em Nova-Orleans com a demolição de três igrejas a fim de modernizar o quarteirão. Uma das três, a episcopaliana, possui um instrumento de 46 registros. Um lindo espécime dentro da nobreza desta categoria instrumental. O Cardeal Spellman fala disso aos Irmãos e, como apenas se requeria saber lidar com o aparelho para adquiri-lo, a comunidade de Nova-Orleans prontificou-se para desmontá-lo, após as aulas da tarde. O trabalho durou uma semana e o sonoro foi transferido provisoriamente para uma adega do colégio. Na época, infelizmente, não se tinha meio de recolher em lugar mais conveniente as peças do monstrengo.

Durante os anos de estada em ambiente insalubre, registros e tubos de madeira sofreram em silêncio. Nesta altura da história, dois conselheiros provinciais auscultaram o doente e decidiram se seu estado comportaria ainda algum deslocamento. Passar a fronteira... seria necessário muito papelório... Mas, a gente se safou bem, pois foi considerado material escolar. Um vagão recoberto por enorme tapete deu para ajeitar todo o material.

Os Irmãos de Iberville recolheram «a peça» com muito respeito e começou-se a lidar com o doente. Parecia uma equipe cirúrgica: tubos foram renovados, refizeram-se pecinhas menores, substituíram-se outras, 47 registros, teclado duplo... Alguns melomaniacos já sentiam-se realizados. Outros curtiam saudades daquele de 74 registros... Fim de junho de 1945, 22 registros já funcionam. Ano após ano, utilizam-se as férias para completar a obra. Apresenta-se a ocasião de adquirir outra consola de quatro teclados. A transação foi realizada com a firma «Casavant». A nova aquisição abria caminho para a adaptação de novos registros.

Quatro mil tubos, vinte e cinco mil soldas novas, trinta cabos de conexões... Os anos se escoam e 1952 traz outra sorte grande.

Em 1953, por ocasião das bodas de ouro do Irmão Provincial, ofereceu-se algo para completar a apresentação: um carrilhão com 25 sininhos.

Oito anos para concretizar um sonho que de início parecia algo «louco». Esta loucura é realidade viva e os órgãos de Iberville ainda servem para concertos internacionais; os tubos desmontados em 1942, na igreja episcopaliana de Nova-Orleans, ressoam sempre harmoniosos na nave da casa provincial, para gáudio dos artistas e amantes da música.

1959. DESDOBRAMENTO DA PROVÍNCIA DOS ESTADOS UNIDOS

O desenvolvimento que se viu, a partir de 1911, concluiu com a subdivisão em duas Províncias: ESOPUS - POUGHKEEPSIE. Não se fez necessário dar a cada Província um conjunto completo de casas de formação. Cada Província assumiu parte dessa responsabilidade e as casas de formação foram administradas em conjunto. Restava a partilha das obras existentes, muito variadas em importância.

A maioria delas estando concentradas em quatro Estados, de modo desigual, procurou-se uma partilha equilibrada e funcional.

As obras do Norte algo descentralizadas dependem de Poughkeepsie e as do Sul, de Esopus.

As duas Províncias dividiram os recursos necessários à vitalidade de cada uma. Daí, então compreende-se esta espécie de simbiose territorial.

1965. A FUNDAÇÃO NOS CAMARÕES

A evangelização dos Camarões começou por uma congregação alemã, os Padres Palotinos; foi depois confiada aos franceses, os Espiritanos e, em 1970, está sob a jurisdição dos Claretianos.

Para ir em socorro dos missionários Espiritanos os Irmãos canadenses da Província de Desbiens retomaram, em 8 de setembro de 1965, a direção do colégio BULLIER em SAA. Em agosto de 1966, nova equipe retoma o encargo do colégio STOLL em AKONO (65 km da capital Yaounde).

Durante dois anos, os Irmãos organizam o desmatamento de 16 ha de terreno para o desenvolvimento pleno do colégio. Funcionará e se desenvolverá na qualidade de escola particular católica, abrangendo o ensino secundário. O equipamento é notável e os prédios permitem receber 600 alunos, tanto pensionistas quanto externos. A população escolar gira em torno de 500 alunos. Ministra-se o ensino em francês e o espanhol vale como segunda língua.

As Irmãs da Cruz de Estrasburgo dão muita ajuda aos Irmãos no ensino da religião a essa juventude, em aulas mistas.

1985. FUNDAÇÃO NO HAITI

Em agosto de 1984, foram estabelecidos contatos com D. Willie Romelus, bispo de Jérémie e o Irmão Provincial de Iberville, no sentido de concretizar uma fundação na sua diocese, no Haiti.

O projeto, assim iniciado, prosseguirá com nova fundação da Província de Iberville. Em 9 de março seis Irmãos: Gilles Hogue, Gérard Gatien, Gilles Lacasse, Daniel Cournoyer, Marcel Labarte e Clément Rondeau

foram se estabelecer em Dame-Marie, para assumir a direção da escola no começo do ano letivo seguinte.

Outra fundação seguir-se-á em breve e quatro outros Irmãos se estabelecerão em Latibolière, próximo a Jérémie.

No dia 15 de setembro, parte-se de caminhão para Dame-Marie. A saída foi às 4h00 da madrugada, pois a estrada é longa e serão necessárias doze horas para chegar ao destino.

A primeira surpresa foi na passagem a vau do rio Glacée, lá estava D. Romelus que havia duas horas aguardava as águas baixarem um pouco.

Ao meio dia, os Irmãos de São Gabriel nos receberam em Jérémie. Escovamos a poeira da estrada e um bom almoço com eles nos animou para enfrentar a última etapa.

Ao chegarmos perto de Dame-Marie, ao longo da estrada, multiplicavam-se os transeuntes, sorriam e nos saudavam.

Na entrada da cidade, já nos esperava uma multidão, precedida pela tropa de escoteiros. Iríamos terminar o trajeto a pé, acompanhados por todo o povo. No presbitério, fomos recepcionados pelo Padre Cicéron e pela comunidade das Irmãs da Caridade e continuamos a procissão ao compasso dos tambores e das tubas até nossa pequena residência. Uma faixa nos desejava boas-vindas e o prefeito nos ofereceu as chaves da casa. Inútil preocupar-se com a bagagem no caminhão, em alguns minutos, a gente havia transportado tudo até à sala da comunidade.

Tivemos tempo de nos lavar e trocar de roupa. Os hospedeiros de ocasião nos esperavam no refeitório para compartilhar nossa primeira refeição em Dame-Marie com os paroquianos que haviam preparado tudo para nos receber.

Às 19h00, nossa primeira visita à paróquia para a missa de ação de graças.

Esta acolhida, assinalada pela alegria e pela prestimidade dessa gente na qual transpirava a esperança pela nossa chegada, nos comoveu muito nesse dia do Senhor.

Depois da missa, juntos, pudemos desempacotar o mínimo necessário para a noite.

Na segunda-feira, de manhã, acordar e fazer a limpeza. As Irmãs, muito delicadas, nos mandaram trazer café, leite e açúcar. Por falta de xícaras, não tivemos ensejo de aproveitar, antes da missa. Depois desta, o padre nos trouxe pão e bolo, o que nos permitiu continuar nossa instalação. Por falta de móveis, acampa-se e acomoda-se tudo provisoriamente. Pranchas servem de prateleiras. O que se perde em «conforto» ganha-se em simpatia e cordialidade.

Que recepção!...

CEM ANOS DE PRESENÇA MARISTA E CEM ANOS DE VIDA

Excepcional encerramento de um Centenário. «Extraído de "Ensemble" — Prov. de Quebec — Château-Richer.»

Foi em 26 de julho, festa de Santa Ana que a Província

celebrou o centenário do nascimento do decano do Instituto: o Irmão José Mercier.

A alegria e o regozijo da Província foram intensos ao expressar ao Senhor, autor de todo dom, a ação de graças pela maravilha do centenário.

Nosso Irmão Mercier tem as raízes à beira do grande rio São Lourenço, em Rivière - Ouelle de Kamouraska, paróquia mais que tricentenária. Viu a luz do dia em 29 de julho de 1887, oriundo de família profundamente cristã. O Canadá tinha vinte anos de existência política e havia dois anos que os Irmãos Maristas estavam no país.

Aos 13 anos, ingressou no juvenato de Lévis que contava doze anos de existência. Após um estágio de alguns meses, o juvenista é orientado para o postulado e o noviciado em St. Hyacinthe. Em 8 de dezembro de 1902 recebe o hábito marista e emite os primeiros votos em 24 de maio de 1904.

Decorridos alguns meses no escolasticado, o jovem Henri Colomb recebe a primeira nomeação para os Estados Unidos. No trabalho da cozinha, dedicou-se nas comunidades de Heavenhill e de Poughkeepsie.

Regressou a Quebec para empreender a longa carreira do magistério. Como professor, diretor de escolas e superior de comunidade, durante 36 anos, deixou traços profundos na obra marista canadense. Gostava da ordem e da disciplina, era excelente educador e possuía muita autoridade moral junto à mocidade. Sua fama e zelo o levaram sucessivamente a Baie St. Paul, Roberval, St. Jean d'Iberville, St. Malo de Quebec e La Tuque.

De 1943 em diante, na Província de Lévis, recém fundada, preencheu diversos e importantes cargos administrativos.

Frente ao economato provincial encarrega-se da alfaiataria, administra fábrica de imagens e comercia livros escolares. Fica nestas tarefas durante quase vinte anos.

Em 1962, aos 73 anos de idade, entra em semi-aposentadoria. Em Pont-Rouge e em Valcartier encontra meios de prestar bons serviços auxiliares. Em 1985 integrou-se à comunidade da enfermaria provincial em Château-Richer.

Durante este século de história «pessoal», muito admiramos essa riqueza de talentos que o Senhor fez frutificar através do Irmão «secular».

Este venerável religioso é a encarnação da fidelidade e louvamos os serviços excepcionais que prestou. Toda a riqueza moral e cultural o Irmão Mercier colocou-a em benefício da comunidade e do Instituto.

Apesar de um cobreiro que o incomoda, há dois anos, nosso jubilar conserva a vivacidade de espírito, manifesta sempre vivo interesse pelos acontecimentos da comunidade.

Continua um ancião lúcido, sereno, afável, aberto e simpático. É a admiração e o conforto dos que o cercam pelo sabor de sus relatos jocosos.

Com esta homenagem muito fraterna de sua Província, nós desejamos que o Senhor continue a protegê-lo nesta velhice feliz e irradiante, rica em frutos de paz e alegria, de ternura e amor.

(Extraído do discurso do Ir. Armand Morin, Provincial)



FAMÍLIA MARISTA

AS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS «MARISTAS» e a caminhada espiritual do laicato na Igreja de hoje

OPORTUNIDADE DESTE PROJETO:

O Sínodo ordinário dos Bispos para 1987 sobre o tema principal:

«A vocação e a missão do laicato na Igreja e no mundo, vinte anos após o Concílio Vaticano II.»

Em resposta a este questionamento,
as Congregações maristas,
**em função do projeto marista original,
querem tentar apresentar atitudes e ações**
adaptadas aos religiosos maristas de hoje,
com relação ao laicato.

NAS FONTES DO PROJETO MARISTA

Na inspiração de Puy, encontramos este imperativo de querer trazer nova presença e nova influência de Maria na Igreja. Este projeto primitivo incluía planos no sentido de atrair os leigos.

Os fundadores, as fundadoras e os pioneiros de cada congregação manifestaram esta determinação na missão marial:

— Marcelino Champagnat sustentou o projeto de uma ordem terceira, de acordo com o Padre Colin. Queria que os Irmãos inspirassem o espírito e a devoção a Maria a seus alunos.

— Joana Maria Chavoïn, fundadora das Irmãs Maristas, pertenceu ao primeiro grupo de terceiros de Belley; era responsável por eles, na ausência do Padre Colin.

Suas casas em Belley e em Lião destinavam-se aos retiros e encontros dos membros da ordem terceira.

— João Cláudio fez numerosas tentativas para estabelecer o ramo marista leigo e, até o fim da vida, sonhou com uma confraria marista laical para irradiar o espírito de Maria em todos os recantos da Igreja e até aos confins da terra.

— Eram membros da ordem terceira as quatro primeiras missionárias na Oceânia, que iniciaram o trabalho que resultou no estabelecimento das Irmãs Missionárias da Sociedade de Maria. Esta ordem terceira desempenhou papel importante em sua missão e as Irmãs Missionárias tornaram-se congregação religiosa como Ordem Terceira Regular de Maria.

NOSSAS TRADIÇÕES ESPIRITUAIS

Base para uma aproximação marista autêntica.

Cada congregação marista desempenhou um papel no desenvolvimento de sua tradição, de acordo com a compreensão, as experiências e os dons de seus fundadores e pioneiros. Estas tradições são expressão válida da inspiração marista original.

Cada tradição salienta aspectos desta espiritualidade e do respectivo ministério.

O conjunto pode servir de base para uma espiritualidade mais global cujo projeto está com os maristas. Procuremos sintetizar numa palavra-chave cada um destes aspectos.

A. Aos «FMS», ajunta-se sem dificuldade a idéia de «COMUNHÃO»

Marcelino inspirou-se na relação que unia Jesus com Maria.

Os Irmãos inspiraram-se bastante na afeição que o Fundador lhes votava.

A tradição FMS sublinhou os aspectos afetivos e familiares da espiritualidade marial.

«Ser Irmãos para todos... compartilhar a vida com os jovens.» «Desenvolver profundo espírito de família no seio das comunidades e com os leigos...»

A necessidade atual sentida por muitos leigos de saudirem o peso do individualismo, de buscar uma responsabilidade, de desempenhar um papel nas comunidades de fé pode expressar-se neste aspecto da vida dos Irmãos.

B. ESPIRITUALIDADE ou viver o mistério da presença de Maria na Igreja poderia ser o aspecto mais característico, mais sensível da Congregação das Irmãs Maristas.

Poder de uma vida de oração no meio de qualquer atividade ministerial.

É um estímulo para os Maristas explorar com os leigos, as raízes espirituais de seu serviço ministerial e descobrir a realidade do ministério desempenhado seguindo o espírito de Maria.

«Não recrutar gente apenas para o trabalho», mas colaborar com eles no trabalho evangélico, isto implica

toda uma «espiritualidade» que é o mistério de Maria na Igreja.

C. MISSÃO é naturalmente o termo para evocar a contribuição «SMSM».

Elas expressaram melhor o espírito missionário do carisma marista e acentuaram o aspecto «transcendental» de uma vida entregue a Deus com alegria para a difusão do Reino no espírito de Maria. Muita sensibilidade para os dons do pobre e dos sem-poder.

Animados por este espírito missionário, se poderia ter visão global da **missão** e confirmar a gente de Igreja no espírito de sua missão, perante um mundo completamente alheio à mensagem evangélica.

D. VISÃO formaria a herança de João Cláudio Colín. O fundador da Sociedade de Maria deixou aos Padres e aos Irmãos Maristas uma visão de um novo começo de Igreja, de um mundo no qual o espírito de Maria penetraria em todos os leigos: a Igreja se tornaria um povo mariano.

Esta expressão evoca um caminho desconhecido e oculto de se tornar eficaz no ministério, um jeito de Maria amável e sem ameaças.

«Evitar qualquer busca de poder e de prestígio», «ficar livre para conceder plenos poderes a outrem».

Nós Maristas, temos de nos conscientizar do novo papel dos leigos e nos sugerir uma aproximação eficaz de engajamento com os eles no ministério.

ESTAR A CAMINHO COM OS LEIGOS

Convencidos de que nossos irmãos e nossas irmãs, pelo batismo, são chamados a participar na vida e na missão da Igreja construindo eles mesmos a comunidade de fé, em comunhão com seus pastores.

Convencidos de que sua posição no mundo lhes confere participação única e específica no trabalho de evangelização, nós Maristas, queremos «caminhar com eles e ampará-los nesta sua caminhada».

Nossas origens nos animam a crer que grande maioria dos leigos ficará sensível ao apelo para viver o carisma marial na procura de sua vocação e de sua missão na Igreja e no mundo.

Este itinerário nos convida a caminhar juntos na exploração da herança marista comum e descobrir qual o atrativo que terá hoje, o que nos conduzirá a aprofundar a vida no espírito de Maria.

Algumas idéias... para balizar o possível itinerário com os leigos.

COMUNHÃO

1. Experiências variadas de comunhão em comunidade religiosa, em família, no ambiente social podem tornar-se enriquecimento recíproco para os religiosos e para os leigos.



Grupo de Santa Família. Colégio Marista (Infantil), San Isidro - Lima (Perú).

A importância das relações humanas na vida dos leigos podem ajudar a humanizar as comunidades religiosas, nas quais estas relações podem ser facilmente ignoradas ou tidas em pouca conta. A vida religiosa, por seu lado, inspirando-se mais no apelo do Evangelho para a reconciliação e para a comunhão bem vividas, deve ser fermento de unidade para a Igreja em geral.

2. A verdadeira comunhão implica certa igualdade e reciprocidade na partilha e no serviço: como consequência, precaver-se contra qualquer forma de dominação.

A caminhada deve conduzir a todos para o desabrochar de uma fé adulta, segundo a vocação que lhe é própria.

3. Para os grupos leigos, ajuntados em torno dos ideais maristas, é desejável que recebam a influência de todas as tradições das várias congregações maristas.

4. Evite-se que os leigos dependam de nós.

As atividades, as responsabilidades dos grupos maristas de leigos recaem sobre os membros.

5. O desejo de comunhão pode constituir-se num apelo de solidariedade com os leigos cujo itinerário espiritual os leve a enfrentar situações de pobreza e de opressão.

6. Toda caminhada de «conjunto» implica riscos: desentendimentos, manifestações de antagonismos reprimidos, atitudes de má vontade.

A comunhão se consegue a preço de muitas reconciliações e de muito recomeçar.

ESPIRITUALIDADE

«Esta espiritualidade dos leigos deve-se revestir de características peculiares conforme as condições de vida de cada qual: vida conjugal e familiar, celibato, viuvez, estado de saúde, atividade profissional e social...»

(Apostolicam actuositatem, 4)



Mosãico (detalhe). Capela da comunidade. Casa generalícia - Roma.

1. Nossa caminhada com os leigos consiste em acompanhá-los, quando exploram o que significa para eles, nas múltiplas situações no mundo, levar a vida segundo o Evangelho, a vida no Espírito.

2. Em contato com religiosos maristas, os leigos adaptam os dados de nossa herança espiritual à sua situação; descobrem o jeito como este carisma marial os impulsiona para a conversão e para o engajamento.

Enriquecem com novas perspectivas a herança espiritual marista.

MISSÃO

«Os leigos, cujo vocação específica os coloca no seio do mundo e à frente das tarefas temporais mais diversas, devem exercer, pelo fato mesmo, uma forma singular de evangelização...»

O campo específico de sua atividade evangelizadora é o vasto e complicado mundo da política, da sociedade, da economia, da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos meios de comunicação e de outras realidades abertas à evangelização como são o amor, a família, a educação da juventude, o trabalho profissional, o sofrimento...»

(Evangelii nuntiandi, 70, 13)

1. Reconhecer que os leigos são os principais evangelizadores no âmbito familiar, social, político e cultural nos convida a adotar um papel menos diretivo no seio do povo de Deus em missão.



A alma africana escultura em madeira para expressar a devoção a Maria.

Ter um procedimento de quem serve, que liberta e irradia energias espirituais, que favorece o amadurecimento e a participação ativa e responsável.

2. As congregações maristas esforçam-se para ceder aos leigos os papéis de direção na comunidade eclesial.

3. Nos esforçamos para ampliar a atividade das mulheres na Igreja, mais especificamente no papel de guias onde, graças a seus dotes específicos, podem assegurar contribuição mais plena para a vida e para a missão da Igreja.

4. É uma constatação dos religiosos maristas o esforço de colaboração com o ministério, trazido pelos leigos que manifestam entusiasmo pelos valores da tradição marista e pelas novas modalidades de exercer o ministério.

É uma contribuição para a renovação das formas de apostolado e da eficácia da presença marista.

VISÃO

«O nascimento da Igreja e a iluminação de sua consciência profética são dois fatos característicos que coincidem com o PENTECOSTES e juntos avançarão...»

(Paulo VI, Ecclesiam suam, 22)



Um mundo todo que vive e se agrupa aos pés de Nossa Senhora.

1. Nossa caminhada com o laicato é uma viagem de exploração.

Não existe esquema claro para o plano da Igreja do futuro. Papéis, relações e novas estruturas irão evoluir conforme as linhas do Evangelho, a partir dos dons do Espírito hoje, e das novas experiências de Igreja, baseadas no exercício criativo dos dons, dos direitos e das responsabilidades.

2. A maneira dos maristas contribuir para a Igreja, no futuro, também não está definida.

Novos esforços de colaboração entre as congregações religiosas maristas e o laicato, o despontar de um movimento laical marista mais forte poderiam determinar novos acontecimentos inesperados do sonho marista original.

Isto nascerá como fruto da experiência, da investigação e da experimentação.

3. A inspiração para levar adiante este trabalho marista e o teste de nossas experiências, objetivos e estratégias são a luz do Evangelho e a imagem da presença de Maria no nascimento da Igreja e no final dos tempos.

CALI (Colômbia), setembro de 1987

Na calma desta casa de retiros, uma reunião dos Irmãos Provinciais da América Latina (CLAP), reforçada por membros da equipe «ELAMAR».

O objetivo da reunião: estudar concretamente os problemas atuais apresentados na «Formação dos Irmãos Maristas na América Latina».

Presença romana: reconhecem-se os Irmãos Charles, S.G., Benito, V.G., Pedro Huidobro, C.G., e Marcelino Ganzarain, C.G.

Aos pés do Irmão Charles, dois mascotes, simbolizando a vontade de doação. São conhecidos lá como «Los muñecos de Panini».



UMA ESCOLA CATÓLICA NA CHINA

O Padre Roderick O'Brien, pároco de Naracoorte, sul da Austrália, conta o que observou nas escolas católicas, por ocasião de recente visita à China. (*Extr. de revista.*)

No início deste ano, foi-me concedido visitar algumas cidades no interior da China e ver certos aspectos do «rosto visível» da Igreja de hoje. Foi giro rápido, com a agenda limitada e organizada em cooperação com as autoridades locais.

Em Beijing (Pequim) em 3 de abril, fui levado para visitar «Xiangbo School», a primeira escola autorizada em «tempo parcial», à Igreja. A escola dispõe de humildes dependências, perto de Dongtang (igreja do leste, dedicada a São José).

As escolas particulares na China

Embora o estado administre a maioria das escolas, não consegue atender a todos os jovens. Para suprir a insuficiência, concedeu permissão a associações e a pessoas para terem escolas próprias. As escolas particulares, supressas durante a Revolução Cultural, foram novamente autorizadas em 1979.

Somente em Beijing, em 1983, podia-se contar meia centena. São supervisionadas pela municipalidade, e subsistem das mensalidades pagas pelos alunos.

A «Xiangbo School»

A escola recruta os professores nos estabelecimentos de ensino superior de Beijing.

O diretor é Damião Tchang Jioue Tin, Irmão Marista, que também leciona no seminário nacional.

Esse Irmão, apesar da idade avançada, apresenta-se homem cheio de entusiasmo e muito interessado na obra, capaz de manter conversa tanto em francês como em inglês. Comunicou-me que cinco Irmãos Maristas residem em Beijing.

Todos os professores, uma vintena, são de nacionalidade chinesa. Muitos deles são católicos e executam este trabalho fora das horas de compromisso oficial, em espírito de serviço à população. Alguns estagiaram no exterior e outros foram diplomados por institutos linguísticos locais.

A escola propôs-se dois objetivos:

- a) oferecer ensino de línguas estrangeiras abrangendo: latim, inglês, francês e japonês;
- b) ensino supletivo aos alunos do curso secundário. Aparentemente funciona à maneira de curso de recuperação para alunos que não atingem o nível re-

querido nos estudos regulares e que desejam melhorar as oportunidades de emprego e prosseguir nos estudos.

A escola fica aberta todo o dia. Os cursos principiam às 7h00 e prolongam-se até às 21h00. Oferece cursos de dia e de noite. Aqueles para a recuperação e estes para adultos que já estão empregados.

A escola tem 400 estudantes e três salas de aula que são ocupadas por 20 a 60 alunos cada vez.

A expressão «tempo parcial» deve entender-se dentro do contexto das categorias que formam o sistema escolar chinês.

Entro numa sala de aula no momento em que é ministrada, a estudantes diurnos, uma lição sobre a geografia da China. Há uns 60 alunos do secundário. Sentem-se ufanos da escola, consideram-na contribuição positiva da Igreja à pátria e com orgulho falam de quanto é apreciada pelos estudantes, pelos pais e pelas autoridades.

Também dizem que as mensalidades são mínimas.

«MA XIANGBO»

Para os estrangeiros, talvez seja interessante saber de onde vem este nome.

Um dicionário biográfico nos diria isso:

Educador burguês e patriota. Conhecido por Ma Liang, nasceu na província de Jiansu. Ainda jovem, foi nomeado diretor da Xujia Public School em Xangai.

O governo imperial Quing o nomeou para missão diplomática no Japão e participou do movimento de Reforma de 1898. Durante muitos anos esteve metido em assuntos educacionais e acadêmicos. Fundou o Xangai Aurora College e a Fu Dan Public School.

Na revolução de 1911, foi nomeado presidente da Universidade de Beijing.

Após o incidente de 18 de setembro de 1931, não cessou de apelar ao governo do Kuomintang para uma guerra de resistência contra o Japão. Em decorrência de suas declarações apaixonantes sobre a guerra contra aquele país, foi nomeado membro do governo republicano em 1937.

Poderia acrescentar que Ma fez o noviciado com os Jesuítas de Xangai, foi ordenado padre em 1870, deixou a congregação em 1876 para servir a dinastia Quing. Era erudito em chinês e latim. Em 1913, publicou uma tradução do Novo Testamento com comentários; em 1938, publicou outra versão dos Evangelhos.

A revista «Catholic Church in China» (publicada pela Associação patriótica chinesa de Beijing e a Comissão de Assuntos religiosos), consagrou, em dezembro de 1984, a maior parte da edição a Ma.

O títulos dos artigos são muito sugestivos:

«O Velho Patriota Ma Xiangbo»,

«O Modelo devotado à Pátria e à Igreja»,

«Estudo sobre o Espírito de patriotismo de Ma Xiangbo»,

«Em memória do venerando patriota Ma Xiangbo».

Uma visita rápida a uma escola recente —um ano de existência— um luzir de esperança que mostra o dinamismo dos católicos chineses ao compreender a importância do papel da escola no desenvolvimento da religião na China.

Xiangbo School, humilde começo, mas, promissor e cheio de interesse.

COMO OCUPAR O DOMINGO À TARDE?



Um campo de apostolado para os domingos.

O Irmão Remígio Rizzotto no início de 1970 foi enviado para atender aos trabalhos no Juvenato de Getúlio Vargas, norte do Rio Grande do Sul, bem no sul do Brasil. Nas caminhadas que ainda faz viu a situação precária das famílias que abandonam a lavoura para encontrar trabalho na cidade. Com a permissão do Irmão Provincial, foi desenvolvendo atividades diversas: ensino do catecismo, preparação à primeira eucaristia e à confirmação.

Uma vez por mês reúne os pais.

Consegue outras pessoas que venham falar e instruir essa gente que se implantou num ambiente desconhecido e situação de vida miserável. Conforme os assuntos: educação dos filhos, saúde, incentivo para mandar os filhos para a escola, etc., aparecem casais, freiras e o padre.

É lógico que a tarde de domingo é comprida, então é preciso dar um pouco de recreação...

O Irmão Remígio perdeu um olho, mas, com o que

ainda possui e um grande coração faz muito aos 78 anos de idade.

Entrou na congregação e dedicou-se mais a cuidar dos alunos pensionistas ou abrigados do que ao ensino.

Há uma história saborosa que se conta dos anos em que lecionava.

Ao dar aula a alunos pequenos, um dia teve de ausentar-se da sala.

Uma inspiração lhe veio de repente: Tirou o olho de vidro e o pôs sobre a mesa. «O Irmão vai sair um pouco, mas, meu olho ficará observando vocês!» Não dá para descrever o silêncio que se fez na ausência do Irmão.

Outra vez, veio a mesma situação de ter de sair da classe. Mesma cena. O olho imóvel sobre a escrevaninha e mais imóveis os pirralhos. Um deles, porém, bem o da frente, levanta-se e põe o boné sobre o olho da mesinha. A algazarra tomou conta da sala. Como o olho, pode-se ver e não ouvir!

Voltando ao sério, por meio século o Ir. Remígio se dedica aos trabalhos entre os mais carentes e nisso encontra a fonte constante de bom humor, simplicidade e piedade que o caracterizam.

DEUS OUVI Nossas Orações

«Não captei cem por cento esta mensagem. Todos fomos chamados para fazer algo, precisa...»

Deodato

O Irmão Superior do Distrito do Zaire solicitou orações a todas as Províncias e Distritos do Instituto a fim de conseguir, no aniversário de 6 de junho, a cura miraculosa de um ex-aluno: Deodato **Mbayu**, que sofre de tetraplegia.

O milagre não aconteceu.

O que segue, escrito pelo Irmão Rieu, são as respostas de Deodato às perguntas que lhe foram feitas:

Ir. R. — Deodato, a Congregação dos Irmãos Maristas uniu-se em oração para obter-lhe a cura. O que representa isso para você?

D. — Este fato confirma o amor existente na Família Marista à qual pertenço. Os Irmãos estão comigo e não me esquecem.

Ir. R. — Rezamos, mas, não obtivemos de Deus o favor pedido. Qual é seu sentimento?

D. — É uma questão de compreensão, não de sentimento. Não digo isso por resignação. Se estou em cadeira de rodas, não é por acaso. Indago a respeito de minha vida e de meu futuro. Se a graça não me foi concedida, não significa que Deus não tenha ouvido as orações. Para mim, é o caminho que Deus pretende que eu siga. Sinto-me investido de alguma

missão que poderei cumprir somente com a força e o querer divinos.

Ir. R. — Qual seu maior desejo agora?

D. — Conforme disse, sinto-me investido para alguma missão. Não captei ainda cem por cento da mensa-



Deodato nos envia um sorriso... e sua vontade de trabalhar.

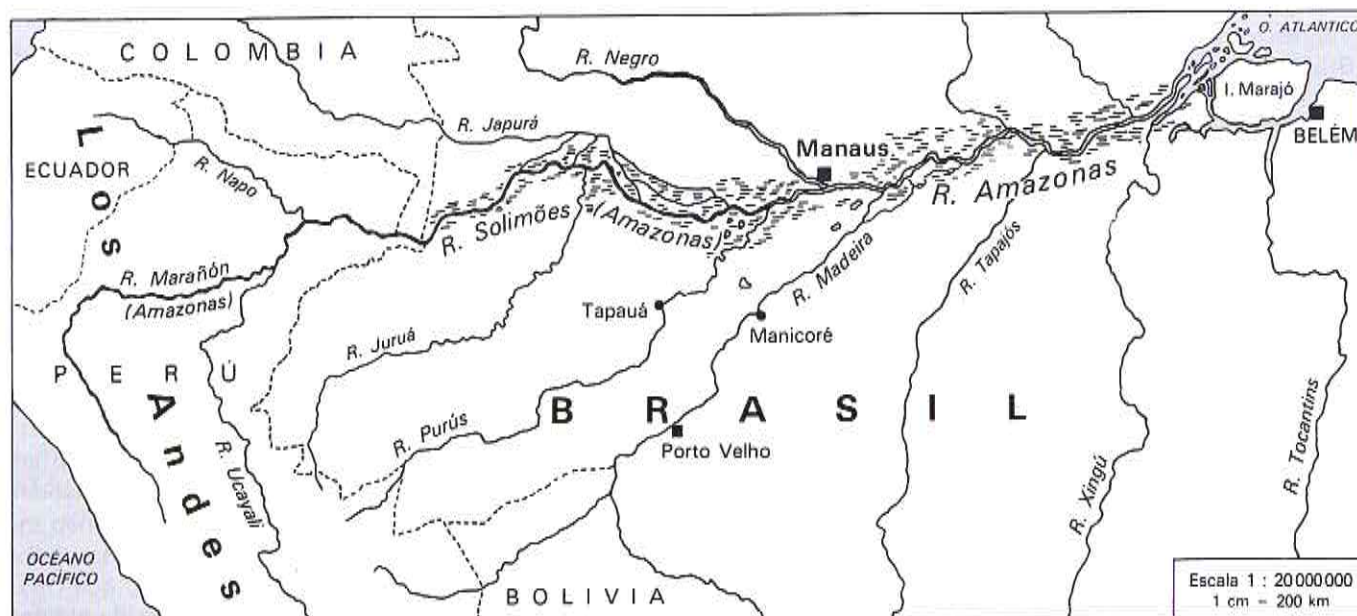
gem. Todos fomos chamados para fazer algo. É preciso estar atentos para compreender a que fomos chamados, sem isso, seremos infelizes. Disse que não é por acaso que estou em cadeira de rodas. Compreendi que na situação em que vivo, estou em melhores condições para abrir um novo caminho, no sentido de fazer algo para meus irmãos, para meus semelhantes. Por outra parte, conservo meu lema: «Justiça para todos». Os que dispõem dos meios para fazer valer seus direitos, melhor para eles, mas, é preciso que os que não têm estes meios, cheguem a tê-los. A desgraça consiste nisso: os que dispõem dos meios, usam-nos para fazer prevalecer os próprios direitos e esmagar os pequenos.

É neste sentido que não cesso de multiplicar esforços no estudo a fim de preparar-me para viver meu lema um dia. Aqui também precisarei do auxílio de Deus, porque sozinho, nada posso fazer nem com relação à saúde nem pela minha vida.

Ir. R. — Deseja dirigir uma mensagem aos Irmãos Maristas do mundo inteiro?

D. — Em primeiro lugar, quero agradecer-lhes pelo que hoje sou. Em realidade, nada sou, mas, tento levar vida humana. Desejaria citar alguns Irmãos, mas não o faço por motivos óbvios. Penso sempre neles do fundo de meu coração e espero nunca esquecê-los. Em segundo lugar, lhes pediria de relacionar-se mais com os alunos, de reduzir as distâncias a fim de se conhecer melhor e dar-lhes educação mais adequada e sadia. Deve animá-los a preocupação de formar «homens» e não tanto futuros médicos, advogados, ...

MANAUS



PERIPÉCIAS NA HILÉIA AMAZONENSE

1. SUSPENSE

Como vivemos o drama em Tapauá: notícias contraditórias, orações e espera.

(Narração do Ir. Zenóvio Kocianski)

É fato real... Acredite se quiser...

Por carta do Ir. Nilso, com data de 3 de maio, soube-mos que viajaria no dia 6 ou 7 do referido mês, acompanhado por duas funcionárias da Secretaria da Educação: a Diretora do departamento do 1º e do 2º graus e a Inspetora da documentação escolar. Teriam de dar parecer no que se referia à introdução do 2º grau em nossa escola. Havia mais de ano que se aguardava solução para o caso. Deveriam viajar por via fluvial; o Ir. Nilso já havia tomado todas as medidas para isso. Mas, as duas funcionárias não quiseram...

O Prefeito, Raimundo Andrade, precisou fretar um táxi aéreo com quatro lugares. Foi feito. Às 9h00, sob o comando do experiente piloto Camarão, embarcaram no avião. O serviço de rádio de Tapauá recebeu a mensagem enviada de Manaus. Anunciava a chegada para as 14h00. De tarde, outra mensagem nos solicitava notícias sobre o avião. Respondemos que não tínhamos nenhuma. Ignoro a reação do pessoal de Manaus, dos funcionários do serviço de rádio, do Prefeito de Tapauá e dos Irmãos da capital amazonense. Embora estivesse em Tapauá, nada soube até às 16h00.

Nessa hora, o secretário Manoel Costa, que visitava uma das nossas escolas, aproximou-se de mim e disse-me ao pé do ouvido: «O Ir. Nilso partiu de Manaus às 11h00 e até o momento nada se sabe dele. Algo de ruim deve-lhe ter sucedido!» Devo admitir que não dei muita atenção. Aqui há muito boato... Seria melhor aguardar com mais calma. Ele se preocupava muito. As aulas continuaram no ritmo costumeiro. O rádio procurava comunicar-se com Manaus.

No dia seguinte, soubemos que três aviões haviam saído em busca dos extraviados.

As pesquisas resultaram inúteis.

Um dia depois, 9 de maio, fizeram-se outros reconhecimento aéreos. Um dos aparelhos sobrevoou Tapauá. A gente pensou que trouxesse boas notícias sobre o encontro dos desaparecidos. Nada disso. O coitado do Ir. Zenóvio via-se bombardeado por indagações como esta: «O avião foi encontrado?» E ele devia responder negativamente. A população começou a alarmar-se. Mas a esperança é a última que morre.

Ao meio-dia, chega o comandante de uma embarcação pesqueira. Contou que foi encontrado o aparelho sinistrado, todos os ocupantes estavam salvos e outra embarcação estava no lago Popunha para socorrê-los. A euforia tomou conta de todos. Recordo bem o que me afirmou uma das professoras: «Devo alegrar-me,

pular de alegria. Depois lhe conto!» O Vice-Prefeito deu ordens para que se lhes fosse ao encontro numa lancha da prefeitura. Muitas pessoas se ofereceram para ir junto. Eu não podia abandonar a escola.

Em meu lugar mandei um de nossos postulantes. Levou roupas, lençóis, uma rede e alimentos.

Pelas 15h00 saíram do porto e encontraram a embarcação «Lorena», cujo proprietário era amigo do Irmão Nilso, e vinha de Manaus. Trouxe uma mensagem em carta bastante mal redigida: «Um mateiro viu o avião em pane e a queda. Deveria ter sido pelas 11h40 quando o aparelho caiu». A informação chegou a Tapauá e acrescentou-se que o avião pegara fogo e todos os ocupantes haviam morrido.

Não se pode imaginar a consternação que se apoderou de nós. O Vice-Prefeito prosseguiu a viagem até o lago Popunha a fim de verificar in loco o que poderia ter acontecido. O Padre Nicolas e outra gente penetraram na floresta durante um dia e meio. Desistiram perante as dificuldades de abrir caminho.

O Vice-Prefeito, enquanto isso, voltou a Tapauá para coordenar as investigações. Já me sentia menos preocupado com o caso.

Deitei-me antes do habitual e mais tranquilo.

Já estava entregue ao sono quando chegou um grupo de professoras e bateram suavemente na porta. Eu havia deixado as luzes acesas, na esperança do retorno do Ir. Nilso. Ao despertar perguntei: «Chegaram?» As professoras não sabiam como transmitir-me as informações. Notei a tristeza da Fátima, que procurava as palavras: «Irmão Zenóvio, chegou-nos uma informação de um mateiro. O avião caiu, incendiou-se... é horrível...» Rosamaria não agüentou e retirou-se calada. O que fazer? No sentido de amenizar a tristeza geral, convidei-as a tomar um cafezinho. Saíram, depois, dizendo: «Como pegar no sono agora?»

O sábado, dia 10, escou-se em profunda tristeza. Os aviões tinham deixado de pesquisar e esperamos que o tempo passasse.

No domingo faziam-se orações públicas. A Legião de Maria fazia promessas. De noite, durante a missa, o celebrante, certamente inspirado, fez alusão à expectativa dos Apóstolos, depois da Ascensão do Senhor Jesus e convidou os fiéis a manterem a mesma atitude de esperança.

A rádio de Manaus, neste momento, anunciava o desaparecimento do avião. Já tinha chegado lá a falsa notícia do incêndio. De ora em diante a Força Aérea faria as pesquisas.

Na segunda-feira, dia 12, um de seus aviões sobrevoou a região. Reparou fumo e destroços. Como a noite caía voltou, sem saber ao certo, o que sucedera.

No dia 13, festa de Nossa Senhora de Fátima, o avião apareceu acompanhado de helicóptero. Observaram os traços dos sobreviventes e o resgate fez-se de imediato. Os quatro foram levados a Manicoré, no rio Madeira e reconduzidos a Manaus.

A notícia chegou a Tapauá. Todos festejaram: foguetório, suspensão das aulas... Missa de ação de graças em plena praça. As manifestações de regozijo foram noite adentro. A cerveja foi de graça. O povo exclama: «É o milagre de Santa Rita!...» (Patrona da cidade).

Nos dias seguintes muitas perguntas ao Irmão Zenóvio para saber da volta do Irmão Nilso para Tapauá. Muitos haviam feito promessas e agora tratava-se de cumpri-las. O Ir. Nilso e companheiros achavam-se em Manaus para fazer os exames médicos necessários.

Irmão Zenóvio Kocianski
Comunidade de Tapauá

2. O EVENTO

Minhas experiências na Hiléia Amazônica

No dia 7 de maio de 1986, viajava para Tapauá a bordo de um táxi aéreo, monomotor e anfíbio, propriedade do primeiro Prefeito de Tapauá. O piloto era o Sr. José Afonso, alcunhado Camarão. Muito experiente e conhecido do povo de Tapauá, fazia esta rota mensalmente. Os passageiros éramos três: Antônia Campos, Diretora do Ensino do Amazonas, Helena Freitas, Inspetora das escolas e eu. Iriam visitar os estabelecimentos de ensino do departamento visando a introdução do 2º grau.

A manhã estava linda. Pelas 10h35, voando entre o lago Jari e o rio Purús, ouviu-se uma explosão no motor, que parou e dois ou três minutos depois, o avião despencava na floresta espessa. O aparelho ficou muito danificado, mas, nós saímos indenes. Helena teve uma pancada na orelha esquerda sem gravidade.

Perdidos na mata, caminhamos durante sete dias. Procuramos seguir em direção ao rio Purús, sem certeza de poder atingi-lo ou de sermos achados algum dia.

Muitas vezes, pensamos quanto tempo de vida ainda nos sobrava... ou como poderíamos sobreviver...

No dia 6, véspera da saída, fiz uma recoleção, confessei-me e obtive direção espiritual.

No dia 7, participei da missa na igreja de São Sebastião. Na viagem carregava remédios, carne, queijo e revistas. No aeroporto, comprei jornais para os amigos em Tapauá; era dia de partida entre Brasil e Chile.

Comigo tinha a documentação das escolas de Tapauá. Toda esta papelada molhou-se e foi preciso secá-la diante de um fogo. Muitas coisas desapareceram: roupas, documentos, malas, sapatos e peças sobressalentes.

Vou comentar o que passamos na floresta amazônica durante seis dias dramáticos; em síntese, abordarei:

alimentação e saúde, nosso destino, árvores e características locais, o verbo contornar, união com Deus e desejos, a maneira de tomar repouso, o fogo, os acampamentos, as armas, as ilusões, um pedido e agradecimentos.

1. Alimentação e saúde

Carregava dois quilos de carne e dois queijos para os amigos e mais dois desses queijos enviados pelo Prefeito de Tapauá a seus familiares. Ainda possuía doces e chocolates.

Após o desastre, sobraram-nos os dois queijos do Prefeito, a carne e os doces. Comíamos pouco e, de ordinário, ente 15 e 17 horas: um pouco de carne e de queijo. No quinto dia, sobrava-nos queijo. A tensão nos tirava o apetite.

Por vezes, tinha-se bastante vontade de comer. Sempre tivemos água límpida em abundância, menos um dia, em que tivemos água um pouco turva.

Criei o costume de dizer que nada nos faria mal. Lemos *Mateus 6, 25-34*: Na hora em que tanta gente está sem emprego, sem nada, talvez, dispondo de um pouco de farinha ou catando no lixo... se sobrevive, nós também não morreríamos de fome.

Freqüentemente me afastava do grupo, seja para verificar por onde ir, seja para encontrar algum palmito para nos alimentar. Não fui em vão, pois, encontrei palmeirinhas, o suco de uma árvore denominada amapá, caules e frutas.

As muitas chuvas, a umidade, os insetos... nada nos prejudicou Tanto Camarão como eu passamos febre uma noite; ele e a Antônia tinham sofrido a malária havia apenas quinze dias. Não há dúvida, sofreremos com os espinheiros, com o cipóal e com as quedas.

Antes de dormir tomava-se banho, mas o fogo e catar lenha para seu sustento nos faziam suar como antes.

A última tarefa do dia era cuidar das machucaduras. Trouxera hipoglos andromaco e substituíamos o álcool pelos perfumes trazidos pelas professoras.

No final, a oração para nossa saúde espiritual.

2. A amizade

Deus falou-nos durante esses dias pela amizade mútua.

a) *O abandono do avião.*

«Adeus, velho amigo de outras viagens.»

Pareceu-me ouvir uma resposta:

«Ide. Sede felizes. Aqui fico; dei minha vida para que doem a sua; para que sejam salvos e depois, entreguem a vida em favor de outrem.» (*Jo 10, 10-11*).

Existir para os outros.

b) *A presença da mata.*

Estamos habituados a ouvir dizer e ver o aspecto triste da floresta. No entanto, é também carinhosa.

«Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.» Aos poucos, nos habituamos a ela, aos espinhos, à sombra, às árvores, aos pântanos, aos riachos, à umidade e aos ruídos.

Sentia-me um elemento do ambiente e unia-me a esta mataria.

Inúmeras vezes, detive-me a contemplar as árvores enormes com suas copas cerradas. De uma feita, osculei uma palmeira e lhe agradei a beleza e o alimento que me propiciava.

3. **Guiava-nos a esperança**

Por que não permanecemos junto ao avião?

Por que não acendemos um fogo no local?

Cogitamos nisso, como tínhamos mapa e bússola e sabíamos que o rio não devia estar longe, optamos diferentemente.

Tratava-se de sobreviver, encontrar um carreiro que nos conduzisse ao rio Purús, para sermos encontrados, por isso, todos os dias acendíamos fogueira —sinal de proteção— e o plano foi seguido.

4. **No meio do grupo**

Ao falar com Camarão, diversas vezes, admiramos a coragem de Antônia e de Helena. Enormes as dificuldades delas: caminhar com sapatos finos, já furados, através da mata espessa e escura, num terreno escorregadio e molhado, atravessar riachos... Nenhuma estava preparada para tais aventuras. Mas demonstraram ser senhoras valentes. Souberam acompanhar-nos sem lágrimas; aceitaram nossos palpites; discutiram conosco o que seria melhor. Tiveram momentos de riso e de choro. Descobriram também o valor redentor do sofrimento humano. Chegamos a analisar os dissabores de cada tipo social: os drogados, os filhos abandonados, as famílias desunidas, os homens sem fé, os egoístas... O que nos adveio, não é aventura de todos os dias; é verdade que não se faz mister passar por isso, para compreender o sentido da vida.

Todos nós, assumindo plenamente o cotidiano, agindo simplesmente, estamos no meio da mais maravilhosa das aventuras.

O que nos sucedeu foi excepcional e, com isso, aprendemos a nos amar mais e a glorificar ao Senhor nas lutas, nas quedas e nas vitórias.

Vai aqui meu preito de admiração e de agradecimento ao trio de peripécias: Antônia, Helena e Camarão, que me tornaram mais forte com eles e por eles para que me torne mais Irmão e mais Marista.

5. **É preciso tentar «contornar»**

Acreditávamos poder andar sempre em direção oeste

e encontrar o Purús. Isso tornou-se impossível. Sucede que na floresta muito densa, dois minutos bastam para perder-se, a menos que se tenha pontos de referência ou, então, o sol ou a bússola. O Purús estava de encheite e as águas invadiam a floresta por quilômetros. A partir do segundo dia, encontramos as águas transbordantes deste enorme rio. Precisava contorná-las. Tentamos, sem êxito, por todas as direções dos pontos cardeais. Sempre parávamos à beira da água. Tivemos que atravessar a nado diversos igapós. Para mim foi aventura espetacular nadar 100 metros pela primeira vez! Cinco vezes atravessei esse igapó para levar o que nos sobrava, enquanto Camarão prestava atenção aos possíveis jacarés. Algumas áreas inundadas foram atravessadas sobre troncos de árvores, o que não se fez sem perigo.

Havia cinco dias que estávamos vivendo nosso drama; então, decidimos não mais contornar. Mais tarde, quando o helicóptero nos levou três quilômetros de lá, até à beira do rio Purús, compreendemos que nos teria sido impossível atingir nosso objetivo.

Dois dias mais, se não nos tivessem achado, pensara em tentar atravessar a nado a grande massa de água, apesar dos jacarés e da enorme extensão... teria eu conseguido?

6. **A sensação na queda do avião**

Após a explosão sinistra do motor e da mensagem sincera do piloto nos anunciando: «Vamos cair sobre a floresta», tive sensação de frio e a fraqueza tomou conta de mim.

Durante dois ou três minutos que precederam a queda, preocupei-me em abrir a porta, tomar o pára-quedas, jogar fora cinquenta litros de combustível, atar o cinto de segurança, só tive um pensamento: em breve tudo acabará. Senti um vazio, uma sensação de entorpecimento. Quando o avião se lançou sobre as árvores, acreditei que meus membros estivessem, também, voando aos pedaços. Uma vez no chão, soltei o cinturão de segurança; pulei do avião e ajudei Helena a fazer o mesmo. Depois de nós, o piloto e Antônia saltaram igualmente e se nos ajuntaram. Aguardávamos que se produzissem um incêndio e uma explosão... Nada sucedeu... Dei os parabéns ao piloto pela sua maestria, felicitei Helena e Antônia: recomeçávamos a vida.

Depois, quis verificar como ficaram as árvores no ponto da queda. Em floresta densa como esta não se constatava muita coisa: galhos quebrados, três arvorezinhas derrubadas, as asas do avião completamente danificadas, o avião todo amassado, as malas e os objetos esparramados pelo chão. Nós havíamos permanecido na cabine, o restante da carga havia sido jogado fora.

Ninguém gritou, ninguém se desesperou.

Sobreveio um silêncio confrangedor. Olhei ainda o avião e tirei umas fotos. Parecia que nos dissesse: «Dei minha vida por vocês!»

7. Os ruídos na mata

Há uma orquestra na floresta amazônica?

Na hora, não sabia de quase nada.

Ruídos os havia muitos, mas, como distingui-los? Impossível. Ao anoitecer, começávamos a percebê-los melhor e como se apresentavam de formas diferentes.

No final do terceiro dia, podia-se perceber o rumor das embarcações subindo ou descendo o rio Purús. Descobrimos a direção que precisávamos seguir e recombamos as esperanças.

Horas a fio acompanhávamos o matracar dos motores dos barcos. Havia o farfalhar na folhagem, o cair dos pingos de água que nos impressionavam e nos lembravam da presença de alguma onça!

Os pássaros foram nossos amigos, mesmo durante a noite. E os insetos com seu estridular e zunitar eram uma presença constante.

8. União com Deus

Muitos não cessam de afirmar que se trata de um milagre sair desta enrascada.

Há pessoas curiosas que me perguntam: «O que você sentia no momento? Qual o lugar de Deus nessa ocorrência?»

O que posso asseverar é que, em casos como esse, continuamos exatamente como em nosso dia a dia. Logo após a queda, o piloto disse-me, com espontaneidade: «Irmão, com certeza, você rezou. Não é?»

No primeiro dia, penso que rezávamos ainda sob a emoção de nos encontrarmos vivos. A vida, o fato de ainda existirmos e lutarmos para achar uma saída, era em união com o Criador.

Antônia lia na pequena Bíblia que salvara. Os companheiros pediam-me que fizesse uma reflexão sobre Deus. Lemos e meditamos *Mt 7,7-13* (A bondade de Deus). Desde o segundo dia até o fim, logo que clareava o dia, pelas seis horas, ainda no ranchinho, elevávamos nossas preces ao Céu.

Tínhamos um esquema bastante simples: louvor a Deus pelo dom da vida, pela beleza da floresta; perdão pelas nossas dúvidas e pela falta de confiança; súplica em favor do resgate, pelos membros de nossas famílias — preocupados pela incerteza de nosso paradeiro —. Outros pedidos como estes: que nos achassem, que topassem com alguém no mato, que pudéssemos chegar ao rio. Louvor a Deus pelos pássaros, pelos insetos benfazejos ou importunadores; súplicas à Boa Mãe com a Ave-Maria, Salve-Rainha. Outras invocações: Pai, que se faça a tua vontade, e ao Espírito Santo.

Acredito que a oração nos harmonizava com a natureza que nos envolvia. No dia 11, dia das Mães, rezamos na intenção de cada uma delas.

No dia anterior, nos tínhamos consagrado a Nossa Senhora de Fátima e fomos socorridos exatamente no dia 13, data de sua festa.

Prometemos de ir juntos, em peregrinação ao santuário de Fátima em Manaus. E, num gesto mais concreto, visitaríamos uma família ou uma pessoa sofredora.

Em Manaus e em toda a parte rezava-se muito. Celebraram-se missas por nossas intenções.

Houve vigílias de preces. Nesses dias da angústia, foram consultadas até as clarividentes. Previam que todos estávamos vivos, mas, seria difícil nos achar. Alguém viu só três desaparecidos, o Irmão não estava com eles!

9. A noite e o sono

Erguemos sucessivamente seis cabanas, feitas de troncos de árvores e de ramos. No chão colocavam-se folhas e suspendia-se o que nos sobrava. Dormia-se pouco, mas o sono era profundo. Vez que outra, acordava com o ronco dos companheiros. Achava melhor do que nos campos de concentração chilenos, onde passei algum tempo. Lá tive de dormir em pé e por instantes apenas.

Camarão e eu nos colocávamos nos costados dos abrigos: precisava estar atento a alguma visita inopinada de bicho indiscreto.

Nunca tive pesadelos durante as noites. Helena e Antônia sobressaltavam-se facilmente. Preocupavam-se até quando ia alimentar o fogo que nos protegia.

Na primeira e na quinta noite não nos foi possível dormir. Foram tremendamente longas as doze horas de escuridão total. Nela podiam-se ver folhas secas fosforescentes como se fossem pirilâmpas. Procuramos passar o tempo fumando e conversando. Os mosquitos nos moviam guerra terrível.

Na véspera do dia das Mães, vieram a chuva, os relâmpagos e os trovões...

Isso durou até às 8h00 da manhã. Não é que tivéssemos medo, porquanto a vontade de sobreviver nos forneceu energias para enfrentar qualquer perigo.

10. O fogo, os ranchos, as armas

Todos os dias devíamos construir um ranchinho. O material estava à mão: galhos e folhas de árvores, tudo atado por cipós e por barbantes, estes conservados conosco como preciosidade. O colchão, mais folhas. O conjunto de armas e utensílios era pobre: um canivete, uma faca, três isqueiros e... o fogo. Este era entretido com capins, galhos e folhas: trabalho nada fácil, pois era preciso encontrá-los secos.

Depois das horas de tormenta, apareceu o dia das Mães e demoramos seis horas para acender o fogo. Era a nossa melhor defesa.

11. Ilusões e contrariedades

No regresso a Manaus tudo era festa e alegria. A realidade cotidiana, o traumatismo do acidente e o fato de ainda estar vivo marcou-me profundamente.

Prefiro cantar a alegria e perdoar: «Se um dia caíres no caminho, não diga a seu coração: és mau, traiu-me, é ingrato e desleal. Porque o rancoroso destrói quem se enganou. Mais valem a bondade e o amor. Corrija o coração magoado e diga ao irmão que se feriu: coragem, amigo. Caminhemos juntos. Tentemos uma vez mais chegar a bom termo. E Deus, que é bom, nos ajudará».

Irmão Nilso Antônio Ronchi

3. MEDITAÇÃO (Narração de Antônia Campos)

Meditação: Eis o termo e a ação que me acompanharam nos sete dias em que ficamos extraviados na floresta amazônica, após o acidente com o Cesna, junto com meus três amigos; antes diria com meus irmãos de destino, na tristeza e na alegria; irmãos em novo nascimento, enfim, irmãos em tudo.

Na aparência compartilhávamos as mesmas atividades, mas no íntimo, cada um de nós tinha seus segredos, pensamentos, orações e desejos. Talvez se queira saber quando se dava isso e como? Sucedia na hora de andar, quando nos detínhamos para tomar fôlego e de forma especial, nas horas de repouso noturno: doze horas passadas no ranchinho, encoberto em noite equatorial.

Inúmeras vezes sentei-me sobre as folhas, que nos serviam de colchão, com o olhar perdido no tempo e no espaço.

Em tais circunstâncias, nenhuma teoria política, social, filosófica ou psicológica nos sustenta. Só conta a fé em Deus. Em tal situação os pensamentos se embarafustam. Houve alguns que foram constantes nas minhas meditações.

1. As orações individuais ou em grupo

Em outras ocasiões, era uma conversa com Deus, na

qual lhe agradecia o dom da vida, a saúde, a tranquilidade e a resignação para aceitar tudo que nos sucedia e oferecer-lhe todos os sofrimentos em troca das conseqüências do acidente que poderiam ter sido muito mais graves.

Na minha maleta carregava sempre uma Bíblia em formato pequeno. Embora molhada, utilizava-a para rezar o salmo 100, para ler *Th 5* e *Hb 13*. Depois, louvava ao Senhor. Quando a tristeza me assaltava com mais veemência, rezava outros salmos. Assim, na oração, não havia espaço algum para o desespero. Cresceram-me a fé e a esperança.

2. Nossas interrogações

Houve momentos nos quais me perguntava:

Por que nos sucedeu tudo isso?

Como explicar que pudéssemos sobreviver a tal acidente?

Somos dignos de tal favor de Deus?

Merecemos tal proteção?

Como explicar nossa resignação?

De que nos serve o dinheiro se nada podemos comprar aqui?

Os amigos pássaros e peixes da floresta dão tudo e nada pedem em troca.

A nos cansarmos no trabalho de todo o dia, o fazemos em benefício de outrem ou apenas pelo dinheiro?

Por que damos tanta importância à posição social, seguidamente em prejuízo do próximo?

Apreendi muito nesses dias de meditação. Convenci-me de que:

«O essencial está invisível a nossos olhos!»

Importa: é a fé em Deus, o amor, o carinho.

Importa: é dar sentido à vida e também a humildade, os amigos.

Nada disto se vê, sente-se.

Antônia Campos

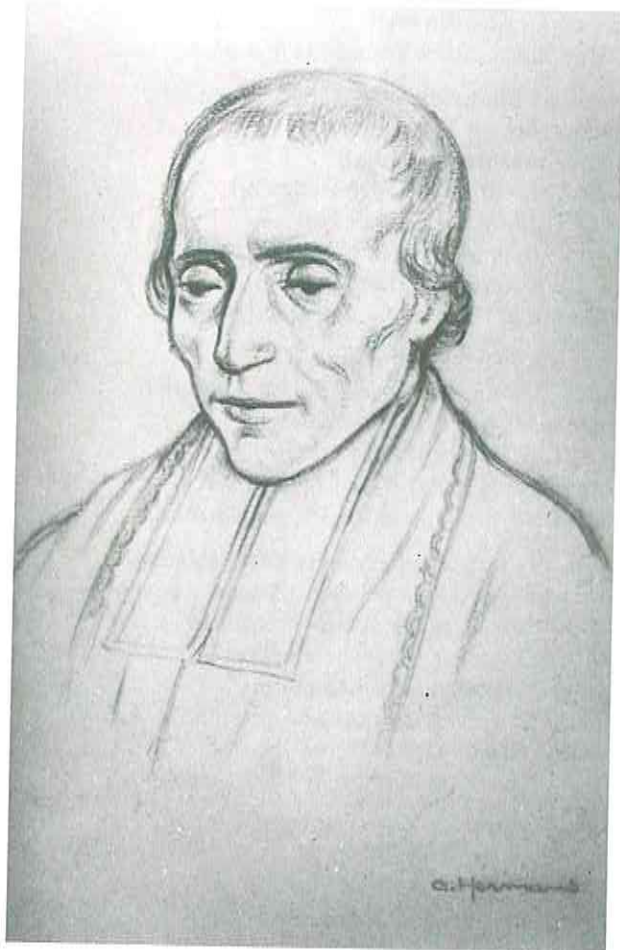
ESTATÍSTICAS GERAIS DO INSTITUTO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1986

	UNITÉS ADMINISTRATIVES	Post.	Nov.	Total	Temp.	Perp.	Total	Décès	Sorties	Total
01	Afrique du Sud	4	—	4	4	34	38	—	—	0
02	Allemagne	2	3	5	3	77	80	1	1	2
03	Amérique Centrale	18	15	33	33	141	174	3	1	4
04	Beaucamps St-Genis	4	3	7	4	244	248	7	2	9
05	Belgique Hollande	1	—	1	2	155	157	4	—	4
06	Bética	2	6	8	28	176	204	2	2	4
07	Brésil Nord	4	16	20	12	79	91	3	—	3
08	Castilla	—	9	9	24	154	178	1	4	5
09	Catalunya	14	32	46	41	213	254	3	3	6
10	Chili	2	2	4	7	103	110	1	2	3
11	Chine	1	—	1	5	46	51	1	—	1
12	Colombie	—	17	17	12	77	89	1	1	2
13	Córdoba	1	3	4	6	93	99	—	4	4
14	Équateur	3	3	6	13	44	57	1	2	3
15	Esopus	6	—	6	5	173	178	4	2	6
16	Grande-Bretagne	—	7	7	11	66	77	1	1	2
17	Iberville	—	1	1	1	220	221	6	—	6
18	Irlande	—	1	1	1	40	41	—	2	2
19	Italie	1	3	4	9	108	117	1	—	1
20	León	3	10	13	10	170	180	3	1	4
21	Levante	—	4	4	13	107	120	1	5	6
22	Liban-Syrie	—	—	0	—	19	19	2	—	2
23	Luján	—	3	3	9	110	119	3	1	4
24	Madagascar	12	—	12	37	37	74	—	3	3
25	Madrid	—	2	2	11	125	136	3	3	6
26	Melbourne	—	—	0	8	147	155	1	4	5
27	Mexique Central	47	9	56	37	127	164	3	4	7
28	Mexique Occidental	27	4	31	24	177	201	—	4	4
29	Midi-C.O.-NDH	—	—	0	2	270	272	9	—	9
30	Nigéria	8	6	14	23	60	83	—	1	5
31	Norte	—	2	2	5	147	152	4	9	11
32	Nouvelle-Zélande	—	8	8	18	176	194	2	1	3
33	Pérou	9	20	29	17	60	77	2	1	2
34	Philippines	10	5	15	10	43	53	1	3	3
35	Porto Alegre	8	7	15	5	152	157	—	2	2
36	Poughkeepsie	2	2	4	7	149	156	2	—	2
38	Québec	—	7	7	14	161	175	6	—	6
39	Rio de Janeiro	4	—	4	19	80	99	5	3	8
40	Rwanda	2	3	5	15	32	47	—	—	0
41	Santa Catarina	4	4	8	11	66	77	—	3	3
42	Santa Maria	3	2	5	9	91	100	—	3	3
43	São Paulo	2	4	6	22	92	114	2	3	5
44	Sri Lanka	—	2	2	12	44	56	—	1	1
45	Suisse	—	—	0	—	27	27	—	1	1
46	Sydney	9	2	11	16	326	342	3	8	11
47	Uruguay	7	1	8	4	37	41	1	2	3
48	Vénézuéla	10	8	18	30	43	73	—	5	5
49	Zaire	—	11	11	23	29	52	2	1	3
	<i>Total 1986</i>	230	252	482	637	5.406	6.043	95	101	196
	<i>Total 1985</i>	211	242	453	628	5.482	6.110	82	145	227
	<i>Différences</i>	+19	+10	+29	+9	—76	—67	+13	—44	—31

NECROLOGIA

*«Qu'il n'y ait entre vous
qu'un même coeur et un même esprit...
C'est le voeu de mon coeur le plus ardent
à ce dernier moment de ma vie.»*

Marcellin Champagnat



GARCÍA MORÁN Isidoro (Luis Aurelio)	78	P	LEÓN, Espagne	22.03.86
BRADY John Patrick (Ambrose Paul)	78	S	CAIRNS, QLD., Australie	27.03.86
FITTON Francis Patrick (Bede Mary)	79	S	AUCKLAND, New Zealand	19.05.86
MURPHY Anthony W. (Anthony Charles)	80	S	MIAMI, Florida, U.S.A.	28.08.86
SUÁREZ FERNÁNDEZ Avelino (Salvator)	84	P	VIGO, Pontevedra, Espagne.	02.10.86
SANTOS Manuel Antunes dos (Cirilo Manoel)	77	S	RECIFE-Apipucos, Brésil	05.10.86
PELLICIER Vital (Michel Marie)	86	P	VARENNES sur/Allier, France	11.10.86
RASCLE Claudius (Louis Clément)	80	S	N.D. de l'HERMITAGE, France	21.10.86
LEPAGE Henri Louis (Louis Gatien)	72	S	HABAY-LA-VIEILLE, Belgique	22.10.86
GARCÍA GARCÍA Marcelino (Telmo)	80	P	MADRID, Espagne	25.10.86
GELINAS Gerard Charles (Thomas Aquinas)	61	S	FORT LAUDERDALE, Fla. U.S.A.	26.10.86
GROSPERRIN Félix (Thomas d'Aquin)	72	P	N.D. de l'HERMITAGE, France	31.10.86
ECHVERRÍA AIZPURU Domingo (Simón Luis)	75	S	TRUJILLO, Pérou	14.11.86
PIOVANO Bartolomeo (Expedito)	88	S	LUJÁN, Bs.As. Argentine	20.11.86
FORTIN Paul Henri (Joseph Ernest)	82	P	QUÉBEC, Canada	27.11.86
ÁLVAREZ LÓPEZ Luis (Tobías Nicolas)	59	P	SAN SEBASTIÁN, Espagne	05.12.86
VICENTE ANTOLÍN Eusebio (Gaspar Eusebio)	71	S	QUITO, Équateur	05.12.86
FERNÁNDEZ GREZ. Eleuterio (Marino José)	75	P	GOIÂNIA, GO. Brésil	09.12.86
ALOSSERIE André (Gratien)	73	P	BEAUCAMPS, Nord, France	10.12.86
ARRIBAS ZABALETA Ángel (Adrián Esteban)	70	S	SALAMANCA, Espagne	11.12.86
CASERIO Silvio (Florinus)	64	S	BARRACENA, M.G. Brésil	13.12.86
FALETTO Giacomo (Pietro Alberto)	69	S	BARRACENA, M.G. Brésil	13.12.86
JOHNSTON Peter (Laurentinus)	84	S	IBERVILLE, PQ. Canada	18.12.86

ROCHFORD Adrien (Adrien Régis)	83	S	ST. JEAN, PQ. Canada	18.12.86
GIL LARRAMENDI José (Moisés María)	81	S	RIO DE JANEIRO, Brésil	18.12.86
TEISSEIRE Joseph (Théophane León)	74	S	AUBENAS, Ardèche, France	27.12.86
NEGRO Emilio (Simone)	88	S	ALBANO LAZIALE, Italie	28.12.86
GUERENDIÁIN ASTIZ Tomás (Isidro José)	84	S	IGUALADA, Barcelona, Espagne	31.12.86
MALCLES Marius Joseph (João Climaco)	82	P	RECIFE-Apipucos, Brésil	05.01.87
SINGLA Adrien (Teofano)	91	S	MENDOZA, Argentine	15.01.87
KMITA Josafat (Josaphat)	69	S	ITAPEJARA D'OESTE, PR. Bré.	16.01.87
LAROCHE Arthur J. (Arthur Xavier)	81	S	MIAMI, Florida, U.S.A.	19.01.87
HECK Laurencius (Jeronimo)	56	P	SÃO MARTINHO, RS., Brésil	20.01.87
RAMOS CEBRIÁN Arsenio (Basilio Manuel)	66	P	LUJÁN, B., Argentine	23.01.87
MCGANN Alfred (Bernard Alfred)	85	S	BENDIGO, Australie	28.01.87
DESMARAIS Raymond (Joseph Maximin)	65	S	ROMA/Casa Generalizia, Ital.	28.01.87
FONSECA PÉREZ (Domnino)	71	S	SANTA TECLA, El Salvador	06.02.87
SUEN KUO HUA Joachim (Joche Timothée)	79	P	Province de SICHUAN, Chine	10.02.87
GINNITY Richard (Brendan Regis)	58	P	NEW YORK, N.Y., U.S.A.	15.02.87
GOSSELIN Hector (Pierre Hector)	87	S	CHÂTEAU-RICHER, PQ. Canada	19.02.87
LAVENIR Lucien Cl. Marie (Callixte)	81	S	VARENNES s/ALLIER France	19.02.87
GONZÁLEZ Fdez. Jacinto (Víctor Doroteo)	84	P	VIGO, Pontevedra, Espagne	28.02.87
SILVA Francis Sales (Francis Wenceslaus)	51	P	COLOMBO, Sri Lanka	02.03.87
ANDRADE GONZÁLEZ Alberto (Adolfo Joviniano)	73	P	LEÓN, Gto. Mexique	04.03.87
DURANTON Antonius (Louis Antonius)	86	P	N.D. de l'HERMITAGE, France	12.03.87
DEPINE Celestino (Daniel Celestino)	74	S	CURITIBA, PR. Brésil	14.03.87
ANDRIOLI Gaetano, (Gil Caetano)	72	S	CAMPINAS, SP. Brésil	14.03.87
ARELLANO ÁLVAREZ Francisco (Francisco Arturo)	78	P	QUERÉTARO, QRO. Mexique	27.03.87
DETRAZ Hilaire (Jules Henri)	86	S	VARENNES s/ALLIER, France	31.03.87
RUEDA CONTRERAS Pedro (Pedro Celestino)	78	S	SALAMANCA-Champagnat, Esp.	31.03.87
DURR Georges Victor (Georges Gabriel)	86	P	KOWLOON, SF. Hong Kong	02.04.87
DUCROS Henri (Henri Justin)	87	S	ST.-PAUL-3-CHÂTEAUX, France	04.04.87
BORDIN João (João Benigno)	79	S	PORTO ALEGRE, PUC. RS. Brés.	10.04.87
MESTDACH Lucien (Lucien Georges)	55	P	BRUXELES, Belgique	16.04.87
PASUCH Pedro (Odorico)	63	P	NOVA ROMA, RS. Brésil	18.04.87
WEIAND José (Vendelino)	89	S	SANTA MARIA, Cerrito, Brésil	27.04.87
FOUQUETTE Rolland (Rolland)	77	S	MONT LAURIER, Qc. Canada	28.04.87
MENCHACA CORTÉS Manuel (Manuel Agustín)	53	S	GUADALAJARA, Mexique	02.05.87
BRUNEEL Aloïs (Amé - Amaat)	79	S	TIELT, Fl. Occ. Belgique	08.05.87
ST. MARTIN Denis-Adrien (Etienne Adrien)	73	S	IBERVILLE, Qué., Canada	09.05.87
DRUMM Patrick (Felix Patrick)	81	S	MULIVAI, Samoa	10.05.87
HERRERO LÓPEZ José (José Clemente)	81	S	MIRANDA DE EBRO, Espagne	13.05.87
STEPHENS Clement John (Edgar Louis)	72	S	PRESTON, Vic. Australie	17.05.87
RANDRIAMANANTENA Henri	24	P	ANTANANARIVO, Madagascar	21.05.87
ÁLVAREZ ÁLVAREZ José (Aniano José)	68	S	VIGO, Espagne	23.05.87
TIERNEY Thomas (Dermot)	86	S	SLIGO, Irlande	27.05.87
NICOLE Adolphe (Pierre Adolphe)	90	S	CHÂTEAU-RICHER, Qué., Canada	30.05.87
AIZPEURRUTIA MENDIGUREN Anastasio (Víctor Julián)	75	S	SAN SEBASTIÁN, Guip. Esp.	07.06.87
ZIEGLER Paul (Marie Raphaël)	93	S	KOBE, Japon	10.06.87
LACOURSIÈRE Alphonse (Joseph Léonard)	80	P	CHÂTEAU-RICHER, Qué., Canada	13.06.87
SCHÜLER Robert Emil (Robert Emil)	78	P	KOSTENZ (Bayer Wald) Allemagne	16.06.87
PÉREZ GÓMEZ Baltasar (Venancio)	74	P	SAN RAFAEL, Mend. Argentine	23.06.87
RONCAROLO Juan (Cesidio)	89	S	BUENOS AIRES, Argentine	26.06.87
MOREL Jean (François Stanislas)	88	S	VARENNES sur/ALLIER, France	29.06.87
POZO POZO Adolfo (Bento Gabriel)	87	S	MENDES, RJ. Brésil	29.06.87
PASIN José (Telmo José)	52	P	PORTO ALEGRE, Brésil	30.06.87
DE ROP François Bernard (Raymond)	82	S	HERSELT, Belgique	10.07.87
FERNÁNDEZ DELGADO Gracián (Gracián María)	82	S	POPAYÁN, Colombie	12.07.87
FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ Crescenciano (Eufronio)	77	S	LARDERO-Logroño, Espagne	15.07.87
PEDRO MARQUES Ruy (Ruy Maria)	82	S	RECIFE-Apipucos, PE. Brésil	17.07.87



CENTRE DE SPIRITUALITÉ de langue française, Rome, le 6 juin 1987

(de gauche à droite)

1. Gilles Beauregard, Louis Karambizi, Jean Roche, Charles Howard, S.G., l'abbé Charles Cauty, Majella Bouchard, Gilles Paquette,
2. Paul Boyat, René Cellier, Charles Dargaud, Jean Damon, Norbert Razafindralambo,
3. Louis Vincent, Gilbert De Coutere, Pol Grégoire, Johannes Koller, Jean-Claude Christe.

SECOND NOVITIATE, Fribourg, February-June, 1987

- Back row* Br. Patrick Howlett (Sydney), Br. Hans Seubert (Guam), Br. Manuel Uluan (Philippines),
Br. Graeme Clisby (N.Z.), Br. John Horgan (Melbourne).
- 2nd row* Br. Bruno Wisidagama (Sri Lanka), Br. John O'Brien (Sydney), Br. Jim Jolley (Melbourne),
Br. Thomas Hughes (Sydney), Br. John Honan (Sydney).
- Front row* Fr. Reg Keating, S.M., Br. Joe Cerin, Br. Charles Howard, S.G., Br. Denis Hever,
Br. Brian Wanden.





PRIMER CURSO DE FORMADORES, Roma, enero-junio 1987

Fila superior:

HH. José Antonio Camposo (Bética), Hermes João Pandolfo (Porto Alegre), Fernando de la Fuente (Chile), Miguel Rey (León), Marco Fidel Navia (Colombia), Ernesto Tendero (Madrid), Jesús García-Garayo (Madrid), Teódulo Hernando (América Central), Jesús Esteban Vélaz (Norte).

Fila inferior:

HH. Imeldo Link (Porto Alegre), Agustín Montero (Castilla), Manuel Jorques (Levante), Jesús Navarro (Norte), Charles Howard, S.G., José Luis Ampudia (León), J. Jesús González (México Central), Antidio Bolívar (Colombia), Tomás Acebes (Chile), Tomás Dancourt (Perú).

Ausentes: H. Francisco Javier Ocaranza (México Occidental). P. Luis Antón (Zimbabue), Capellán.

CENTRE DE SPIRITUALITÉ, Rome, le 27 octobre 1987

(de gauche à droite)

1. FF. Henri Poncin, Jean Roche, Benito Arbués, V.G., l'abbé Charles Cauty, Charles Howard, S.G., Majella Bouchard, Claude Berthet, Pascal Coumbourakis,
2. FF. Marcel Deweindt, Alexandre Hegedus, Paul Devantery, Andries Devos, Robert Desrumaux, Joseph Bossaert, Stéphane Saelens, Hugues Hardy,
3. FF. Francis Venet, Alphonse Charrier, Elie Thomas, Armand Laflamme, Eurico Souza, Pablo Suárez, Rinaldo Sargolini, André Bagny, Marcel Coutagneux.



SESSIONS DE SPIRITUALITÉ • MAISON GÉNÉRALICE